12-100

1-12-10

APONTAMENTOS

NOTICIAS E OBSERVAÇÕES

PARA SERVIREM Á

HISTORIA DO FETICHISMO

POR

JOAQUIM ALBERTO R. DE MENDONÇA

S. PAULO

TYP. DA «PROVINCIA», IMPERATRIZ, 53

1881

Coleção "PAULO BOURROUL"
Doação: Secret. Cultura, Ciência e Tecnologia/SP
Data 09/12/76 Proc. FEUSP 116/76

N.° Ordem | N.° Chamada

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - U S P
BIBLIOTECA PAULO BOURROUL

Duas palavras ao leitor

Não é certamente tomando para typo edade de ouro collocada n'um passado mui moto, nem tão pouco com os olhos fitos n raiso terrestre, que se poderá prever cousa ma em sociologia ; não é com um tal ideal homem conseguirá explicar o presente e gu seu futuro : que si assim fosse, o desenvolvi to progressivo do individuo e da especie não saria de decadencia, inexplicavel aos olh sciencia.

Bem como o astronomo, que, deixan parte a pluralidade dos mundos, só trata do so systema planetario limitando as suas pe sas aos phenomenos geometricos e mecan o sociologo, pondo de lado como inaccessiv causas primarias e finaes e tomando como p de partida, não o que o homem poderia se

sua origem, mas o que na realidade é, busca determinar a lei que preside á evolução social.

Foi encarando a questão sob este ponto de vista que o grande philosopho do XIX seculo pôde descobrir a lei que rege os nossos destinos.

«Do estudo do desenvolvimento da intelligencia humana em todas as direcções e em todos os tempos, provém a descoberta de uma grande lei fundamental, a que o homem está sujeito, e que tem uma base solida nos factos da nossa organisação e na experiencia historica. A lei é a seguinte: cada uma de nossas concessões, cada ramo de nossos conhecimentos passa successivamente por tres condições theoricas differentes: a theologica ou ficticia; a metaphysica ou abstracta; e a scientifica ou positiva. Por outras palavras, o espirito humano, por sua natureza emprega em sua marcha tres methodos philosoficos differentes e mesmo radicalmente oppostos—o theologico, o metaphysico e o positivo. O primeiro é o ponto de partida, e o terceiro o estado definitivo, sendo o segundo uma simples transição.

No estado theologico, o espirito humano procurando a essencia dos seres, as causas primarias e finaes (origem e fim) de todos os effeitos, em uma palavra o conhecimento absoluto, suppõe todos os phenomenos produzidos pela acção immediata de seres sobrenaturaes.

No estado metaphysico (simples modificação do primeiro) o espirito humano suppõe, em vez de seres sobrenaturaes, forças abstractas, verdadeiras entidades inherentes a todos os seres e capazes de produzir todos os effeitos. O que n'este estado chama-se explicação de phenomenos é

uma simples referencia de cada um d'elles á sua entidade propria.

No estado final, o positivo, o espirito humano deixando de parte a vã indagação das noções absolutas, a origem e o destino do universo, e as causas dos phenomenos, applica-se ao estudo de suas leis (relações invariaveis de successão ou similhança). O raciocinio e a observação convenientemente combinados são então os unicos meios de descobrir a verdade.» (Augusto Comte —Philosophia Positiva.)

O theologismo decompõe-se em polytheismo e monotheismo. O ponto de partida do polytheismo é a astrolatria, ultima phase do fetichismo, a qual é uma passagem do estado concreto para o abstracto.

A época em que se operou essa grande reforma social, que devia ter levado muitissimo tempo, visto a grande distancia que vae do abstracto ao concreto, não podemos precisar.

Trataremos aqui exclusivamente do fetichismo, e ainda assim não faremos a sua historia, que para tanto não nos achamos habilitados; mas apresentaremos apontamentos para ella.

Quem estudar com attenção o nosso povo ha de vêr que elle se compõe, em grande parte, de fetichistas, e que portanto é opportuno este nosso trabalho.

Para fixar as idéas sobre esta synthese inicial, muito pouco estudada até hoje fóra de gremio Comtista, e mesmo encarada pelos theologos e metaphysicos debaixo de um ponto de vista completamente falso, sob a denominação extremamente vaga de idolatria, apresentaremos, antes de entrar em materia, algumas proposições sob a denominação de—Aphorismas—tendentes

a esclarecer o assumpto de que vamos tratar, proposições por nós extrahidas da Politica Positiva de Augusto Comte.

Pelo que fica exposto, já vê o leitor que temos idéa, que temos systema, que pertencemos a uma escola, comquanto seja muito pouco conhecida e apreciada entre nós. Julgal-a é julgar-nos.

E', porém, necessario que não se confunda Augusto Comte e o chefe militante actual do positivismo—P. Laffitte—com o materialista Littré.

Apophthegmas

A synthese espontanea, o fetichismo, e a synthese revelada, o theologismo, interpretam a natureza viva supprindo o conhecimento das leis physicas por um esboço *a priori* de leis moraes.

E' grande a divergencia entre o fetichismo do theologismo no tocante á concepção da materia : o primeiro suppõe que todos os corpos vivem ; e o segundo que a materia é inerte.

Em logica como em moral, a nossa verdadeira iniciação resultou sempre de uma longa elaboração popular.

A falta de base objectiva forçou os nossos antepassados os mais remotos a fundar sobre os sentimentos a synthese fetichista.

Quando as leis que regem uma certa classe de phenomenos nos são desconhecidas, quasi sempre succumbimos á tentação de fundar as nossas opiniões a respeito sobre os nossos desejos.

Superior a todos os outros animaes, o homem não encontra uma especie que lhe sirva de typo; e o genero humano vae-se desenvolvendo espontaneamente até que a sua evolução lhe dê a marcha da humanidade.

Não foi pelo ardil e pela força, mas sim pelo amor, que a synthese fetichista conseguiu domesticar e incorporar á Humanidade todos os animaes de que hoje nos servimos e com que nos alimentamos.

Durante o fetichismo, synthese extremamente concreta, a observação dos objectos prevalece sobre a dos phenomenos.

Sem o fetichismo o apparecimento do positivismo não teria logar; que não é possivel contemplação abstracta sem observação concreta.

As metamorphoses arbitrarias consagradas pelo polytheismo, tendendo a destruir o dogma fetichista da fixidez das especies, collocariam a razão humana em posição muito precaria, dando um campo illimitado ás divagações da imaginação, si a classe sacerdotal, que appareceu com a astrolatria, não estabelecesse como dogma o fatalismo.

O poder espiritual começa a manifestar-se na synthese inicial com o culto prestado aos mortos e com o respeito aos velhos, que por suas experiencias tornaram-se os conselheiros dos chefes activos.

Philosophicamente encarado, o apparecimento dos deuses foi o resultado da reacção do subjectivo contra o objectivo.

A luta da vontade com a necessidade é a expressão do antagonismo da synthese theologica com a fetichista.

A astronomia foi a primeira das sciencias que suscitou a passagem do fetichismo ao polytheismo, com a instituição da astrolatria.

Apontamentos para a historia do fetichismo

O fetichismo apresenta duas phases bem distinctas : uma espontanea, que manifesta-se nas crianças e nos povos selvagens ; outra systematisada, que é a religião official da China.

PRIMEIRA PHASE

ORIGEM DO FETICHISMO

Sem abstracção não ha sciencia ; e sem observação concreta toda abstracção é impossivel : d'onde a necessidade do fetichismo como ponto de partida.

Em verdade, contemplar concretamente o

mundo externo, passar depois á contemplação abstracta e finalmente á meditação, tal é a marcha progressiva do desenvolvimento intellectual, no individuo e na especie.

O unico methodo que possamos empregar com proveito na indagação da verdade, methodo que, inherente á nossa organisação cerebral, é uma lei, e portanto fatal, é partir do conhecido para o desconhecido; ora na infancia, quando nem uma sciencia ainda existe, o que o homem conhece melhor é a si mesmo, por mais incompleta que seja essa noção; nada pois mais natural que suppôr todos os objectos observados, quer organicos quer inorganicos, como vivos e susceptiveis dos mesmos sentimentos que nós.

Como uma grande inducção que é, o fetichismo occupa o primeiro logar na serie scientifica; elle é o ponto de partida de toda a civilisação. Parecerá talvez absurdo que sendo o fetichismo anterior á observação dos phenomenos independentemente dos objectos, possa ser elle considerado como hypothese scientifica, como inducção e muito menos como synthese; entretanto, cumpre confessar que a Humanidade no seu berço, achando-se collocada em um verdadeiro dilemma, não podia proceder de outro modo. Entre a necessidade de ter uma theoria para poder observar com vantagem os phenomenos, e a não menos imperiosa de possuir dados positivos para formular a sua hypothese scientifica, o espirito humano estava em um circulo vicioso, do qual não poderia sahir si não fosse essa inducção espontanea baseada no conhecimento muito imperfeito, é verdade, que o homem tinha de si.

Si não fôra o fetichismo, nunca chegariamos ao conhecimento das leis que regem os pheno-

menos; a Humanidade ficaria estacionaria, conservar se-hia em estado de embrião; e nem uma só das sciencias e artes que hoje existem, e que tantos serviços tem prestado ao genero humano seria possivel; que para observar com proveito os phenomenos, tanto organicos como inorganicos, é necessario estar-se senhor de uma hypothese que mais ou menos os ligue, e na infancia da Humanidade a unica grande inducção possivel é aquella que, assemelhando todos os seres existentes a nós, dá a vida como causa de tudo o que impressiona os nossos sentidos.

Assim, o fetichismo é a crença da infancia; a religião dos povos selvagens; a primeira e unica hypothese possivel que o homem vê-se obrigado a fazer para explicar os phenomenos que o cercam, quando ainda a observação analytica e abstracta do que elle vê, ouve e sente, não lhe é possivel, por falta de dados concretos sufficientes para mostrar as relações que ligam entre si os phenomenos observados.

Synthese espontanea, o fetichismo é a primeira, a mais duradoura e a mais universal de todas as religiões que até hoje tem existido: é a primeira, porque nasce com o homem, acompanha o em sua meninice, dirige os seus primeiros passos, e organisa o primeiro esboço de civilisação; é a mais duradoura, porque nem uma outra synthese tem persistido tanto como esta que desde tempos immemoriaes existe na Asia e dirige a civilisação chineza; é a mais universal, porque além de termos todos nós por ahi passado e ser o primeiro termo da progressão crescente da evolução humana, acresce ainda que a elle voltamos todas as vezes que uma paixão forte nos

perturba a razão e deixa o sentimento livre á divagação.

A criança que brinca e conversa com a sua boneca, o selvagem que toma o relogio por um animal, o homem civilisado que revolta-se contra a pedra em que deu uma forte topada, o amante que beija uma flôr, o poeta que anima a natureza morta, por assim dizer, são verdadeiros fetichistas.

Aos olhos do poeta, como da criança, as flôres choram nas longas e frias noites da primavera; as arvores gemem, açoitadas pelos ventos; e as estrellas sorriem, ao doce clarão da lua.

Quem não se lembra com saudade d'esses sonhos infantis dos primeiros annos?

Sublime fonte de poesia é essa que nos faz vêr em cada objecto um individuo, em cada individuo um vivente!

Similhança do selvagem com a criança

O selvagem (fetichista nomada) é uma criança grande: é grande quanto ao physico, ao corpo, ao que ha no homem de material, portanto, robusto e forte; é criança no que diz respeito ao moral e ao intellectual, portanto, ignorante e fraco. Fraco de intelligencia e forte de corpo, eis o selvagem. Apresentae-lhe um espelho, e elle recuará admirado de vêr-se como sombra, como phantasma; dae-lhe um relogio, julgará vêr um bicho, um animal que, como elle, anda porque quer. Tomae agora um dos seus arcos e dae ao mais robusto europeu; affianço que não o poderá vergar tão facilmente como o homem das selvas.

D'onde vem essa differença? Pertencerão elles a grupos diversos?

Não: a disparidade que se nota não provém

da raça; é toda devida á vida isolada que levam esses filhos desherdados da Humanidade; é o resultado do meio em que vivem. Nasceram, como nós, crianças, e cresceram; mas conservaram a meninice, porque a sorte os collocou n'um paiz onde a natureza era energica demais para que o homem primitivo (permitta-se-me a expressão) pudesse lutar com vantagem contra os agentes do mundo externo, de modo a modifical-o, adquirir riquezas, tornar-se sedentario, e entregar-se á contemplação abstracta.

Além d'isso, a exhuberante riqueza do solo não offerecia incentivo para o desenvolvimento intellectual. Não queremos com isso dizer que as tribus selvagens tenham-se conservado estacionarias: ha sempre (mesmo no estado nomada) progresso, mas progresso lento; ha industria, mas industria rudimentaria. A necessidade era pequena; e como ella é mãe da industria, esta ficou rachitica.

Similhante á semente que arremessada pelos furacões para longes terras, si cahe em logar sombrio, vegeta mal, conservando a arvore as suas folhas amarelladas; o homem, na primeira phase do desenvolvimento da especie, no meio das selvas ou no coração do deserto, não tem força bastante para subjugar o mundo externo. Para melhor mostrar a analogia que ha entre a criança e o selvagem, exemplifiquemos:

«Quaesquer que sejam as recompensas que os indios Dogrobit esperem receber ao chegar ao seu destino, não se póde contar com elles como correio. Um pequeno obstaculo, a esperança de um banquete, a subita lembrança de ir vêr um conhecido, é bastante para os preoccupar durante um tempo indeterminado.» (Richardson.)

«Os peninsulares da Malaria são inconstantes, medrosos, timidos e desconfiados; pensam sempre que estariam melhor em um outro logar que não fosse o que occupam. Como as crianças, as suas acções raras vezes são o resultado da reflexão, e obram quasi sempre sob o impulso do momento.» (Bourien.)

«Os insulares do Pacifico, como as crianças, estão sempre promptos a chorar quando as suas paixões são vivamente excitadas; e facilmente enchugam as lagrimas, e as esquecem pouco tempo depois de as ter derramado.» (Cook.)

O mesmo viajante conta que em Tahiti, Oberea—a rainha, e Tootahah—um dos principaes chefes, brincavam com duas grandes boneccas. D'Urville nos diz que um chefe da Nova-Zelandia, chamado Tanvarya, chorou como uma criança, porque os marinheiros sujaram o seu manto cobrindo-o com farinha.

Williams conta que em Vity os homens e as mulheres choram por dá cá aquella palha. E Burton diz que entre os africanos orientaes os homens choram mais que as mulheres.

Não é só quanto a este ponto, isto é, na facilidade em chorar, que a analogia é grande entre a criança e o selvagem; ella mostra-se tambem de um modo claro em outros costumes não menos communs entre as tribus nomadas. E' conhecido o importante papel que representa o chocalho, como distracção, para os meninos de collo; e as amas servem-se com vantagem d'elle todas as vezes que um incommodo ligeiro, uma pequena contrariedade os faz chorar. Pois bem, o chocalho, a matraca, o maracá ou o que melhor nome haja, acalenta tambem o homem das selvas. O chocalho representa papel importante en-

tre os indios da America Septemtrional, diz Astley; e Prescot sustenta que elle é empregado como panacéa em todas as doenças. Algumas tribus, porém, segundo Catlin, usam de um tambor similhante ao dos laponios.

Quando um indio cahe doente, diz Carver, o magico fica noite e dia junto d'elle, tocando constantemente uma especie de chocalho feito com caroços de nozes.

Pontos de contacto dos selvagens com os animaes superiores

O fetichismo, como dissemos, é uma synthese eminentemente concreta: d'ahi uma tal ou qual similhança, em certos casos, entre os animaes os mais intelligentes, como o cão, por exemplo, e os homens das selvas.

Von Martius, que muito viajou no Brasil, e conhece bem os costumes dos nossos selvagens, diz que os Coroados não tem em sua lingua palavras para exprimir as idéas abstractas de planta, animal, côr, som, sexo, especie e muitas outras que nos são familiares.

«Segundo os missionarios, os habitantes da Terra de Fogo não possuem termos abstractos.

«Raras vezes encontra-se nas linguas da America Septentrional uma palavra bastante geral

para indicar um carvalho. A lingua dos Choctaw tem palavras para indicar o carvalho preto, o carvalho branco, o carvalho vermelho, mas nem uma tem que exprima o carvalho em geral e menos ainda a idéa de arvore.» (Lubbock—Origem da Civilisação.)

O mesmo autor diz que os indigenas da Tasmania não tem termo generico significando arvore, posto que tenham palavras para indicar cada especie de arvore em particular; elles não tem tambem palavras que exprimam certas qualidades ou propriedades, como duro, macio, quente, frio, curto, comprido, redondo, etc.

Quando um Dammará, diz o viajante Galton, pensa nos numeros, o seu espirito fica tão preoccupado que não póde pensar ao mesmo tempo em quantidade; assim é que si elle tem de vender um boi, cujo preço é de dez rolos de tabaco, estende as suas grandes mãos sobre a terra e colloca-se então um rolo sobre cada dedo. Feito isto, elle apanha o fumo e a venda está concluida. Si se quer comprar um segundo boi procede-se á mesma operação, collocando-se, porém, d'esta vez sobre cada dedo meio rolo de tabaco em logar de um, elle fica egualmente satisfeito, mas por fim dá com a falta e queixa-se no dia seguinte.

Um dia, diz ainda Galton, examinava eu um Dammará que estava junto a mim perdido em seus calculos, e vi a minha cadella Dinah egualmente embaraçada. Ella contemplava meia duzia de cachorrinhos que acabava de parir e que lhe tinham sido tirados duas ou tres vezes; a sua anciedade era extrema, porque queria e não podia verificar si todos estavam alli ou si faltava algum. Estava inquieta, olhando os filhos atten-

tamente, sem poder chegar a uma solução; evidentemente queria contal-os, mas o numero era grande de mais para a sua intelligencia. Ora, considerando Dinah e o Dammará, devo dizer que o resultado da comparação não é muito favoravel ao homem.

Entretanto, forçoso é confessar que Galton exagera um pouco; porque si Dinah não podia contar até seis, o Dammará o fazia (a seu modo, bem entendido) até dez.

A faculdade de abstrahir nos é hoje tão familiar que parece-nos innata, unicamente porque a raça branca tem passado por uma longa elaboração através dos seculos, por um longo aprendisado. Estou convencido que si tomarmos um dos nossos caboclos ainda no berço e o criarmos a nosso modo, elle não apresentará a mesma propensão á abstracção que os nossos filhos

Lembro-me ainda que, quando estudante, um escravo africano de um dos meus companheiros de casa (Florencio, chamava-se o escravo) queria muito ser cocheiro, e o senhor desejava fazer-lhe a vontade; mas, para isso, era necessario que elle aprendesse a contar, afim de poder lêr os numeros das casas. Tomei então a mim o trabalho de ensinar-lhe os primeiros rudimentos da arithmetica, mas nada consegui; que o preto, depois de ter contado até dez pelos dedos das mãos, não podia comprehender que o dedo que tinha sido um pudesse ser onze, o que tinha representado dous fosse doze, e assim por diante.

Com estes exemplos não pretendemos de modo algum mostrar que o homem descenda do animal; pois estamos convencidos da fixidez das especies, e só admittimos progresso, e mesmo modificação organica, dentro de certos limites

que nunca foram nem serão ultrapassados. Não comprehendemos a possibilidade de um ananaz transformar-se n'um pé de roseira. Para nós, o homem foi, é e será sempre homem. O que sustentamos é que a faculdade que temos de abstrahir, como todas as mais, desenvolve-se pelo exercicio e transmitte se de paes a filhos.

Ainda mais, positivistas como somos por convicção, não podemos admittir a inutil indagação de causas primarias.

Os pontos de contacto existentes entre o selvagem e o animal de cathegoria superior provém exclusivamente do estado extremamente concreto em que elles se acham, o que faz com que ambos sejam fetichistas extremados, podendo entretanto o selvagem romper com o andar dos tempos esse circulo de ferro, e conseguir abstrahir como nem um outro animal é capaz de fazel-o.

A alliança entre o homem e o animal é obra do fetichismo

Dissemos que o selvagem está muito mais perto do animal que o homem civilisado: pois bem, isso serviu de muito nos tempos primitivos para domesticar o bruto e desenvolver pela cultura os bons sentimentos do homem, como passamos a mostrar.

Vendo por toda a parte seres vivos, o fetichista identificou-se com os objectos que o rodeavam, amou-os e foi por elles amado; fez alliança com os animaes que mais lhe podiam coadjuvar, e elles o salvaram: e essa alliança teve por origem o amor puro e santo que nasce da convicção de que todos (homens e animaes) somos irmãos, sentimos, pensamos e obramos, movidos pelos mesmos impulsos.

Foi d'est'arte que o homem primitivo, o mais fraco d'entre os fracos, pôde sustentar a grande luta pela existencia e conseguir domesticar os animaes que têm sido um poderoso auxiliar para o progresso da Humanidade. Sem o cão e o elephante elle não teria resistido ao tigre e ao leão.

Quem não sabe que o cão é o companheiro inseparavel do selvagem ?

A Asia ainda hoje nos póde ministrar provas d'esta grande verdade : segundo o *Mahabharata*, uma das primeiras biblias da Humanidade, ninguem entrará no paraiso si não vier acompanhado do seu cão, e é conhecida a homenagem, quasi culto, que os indios prestam aos seus elephantes.

Nada ha mais bello e mais sentimental que essa convivencia entre o homem e o animal, essa troca de sentimentos mutuos, esse amor universal.

Não é á razão, e sim ao amor, que se deve o esplendido triumpho que o genero humano alcançou dos obstaculos que se antepunham ao seu desenvolvimento.

Não foram só os quadrupedes os unicos escolhidos ; os proprios reptis, esses animaes de que temos tanto asco, entraram tambem na alliança. A serpente e o crocodilo são inimigos escarniçados dos insectos, que nos paizes extremamente quentes são verdadeiras pragas : d'ahi a alliança entre o homem e esses animaes, que em outros logares, por causa do damno que fazem, são considerados impuros.

Essa convivencia foi de grande valor para o desenvolvimento dos sentimentos sympathicos.

Tudo isso é, e será eternamente, encantador e sublime ; tudo isso tem um fundo de verdade

que hoje custamos a comprehender, pela enorme distancia que nos separa d'esses tempos de outr'ora quando, póde dizer-se, os animaes fallavam e os homens os comprehendiam.

A causa primordial da difficuldade que encontramos hoje em domesticar alguns dos nossos animaes selvagens que podiam ser aproveitados com vantagem, como seja a paca, a anta, o veado, o jacú, o jacutinga, o macuco e outros, é devido ao nosso estado extremamente abstracto, o qual, não nos permittindo collocarmo-nos no estado relativo em que elles se acham, affasta-nos desmesuradamente d'esses entes eminentemente concretos.

Não comprehendemos mais os animaes, porque não os amamos; e não os amamos, porque somos abstractos demais para isso.

A prova d'esta grande verdade está no modo brutal porque os amansadores de animaes entre nós tratam os burros e os cavallos (animaes estes já domesticados).

A inercia da materia não é dogma fetichista

Os corpos não são inertes ; elles estão em constante actividade, e o repouso que muitas vezes se nota não passa de equilibrio. A inercia da materia hoje admittida não é mais que hypothese scientifica necessaria para facilitar o estudo da mecanica. Durante a phase fetichista, porém, esta hypothese não podia ter logar.

O reino mineral, como a sciencia hoje encara, não tinha razão de ser nos tempos em que reinava a synthese inicial : a vontade, o amor, o odio, em uma palavra, todos os phenomenos devidos á trindade humana—sensibilidade, intelligencia e actividade—eram partilha de todos e de tudo. Não havia então distincção entre materia e espirito, nem entre materia e força : a actividade era synonimo de vida.

Durante essa phase de evolução, o rio corre

porque quer ; o vento muda de direcção a seu bel-prazer ; o sol, causa unica do calor e do frio, não as entidades luz e calor dos nossos metaphysicos. mas o astro do dia, é a bondade por excellencia ; elle ama os homens, pois os aquece, afugenta as chuvas e espanca as medonhas trevas da noute. A Africa bem nol-o ensina ; a Africa, a terra predilecta do fetichismo. O Nilo, que periodicamente inundando o baixo Egypto trazia a felicidade a esse torrão abençoado, era o grande feitiço dos povos, o seu idolo predilecto, a sua Isis.

O genesis dos aryas, o Rig-Veda, o monumento mais antigo do mundo, no dizer de Michelet, mostra-nos a mulher e o homem, o seu Adão e a sua Eva, a familia em embryão, agradecendo a Agni (o fogo) os importantes serviços por elle prestados ao homem.

Não se póde deixar de admirar o bom senso que preside ao culto primitivo da India, quando vemos o arya aterrorisado ao vêr o lobo aproveitar-se da sombria noute para sorprehender a timida ovelha, pedir a Agni, o seu bom amigo, o seu companheiro de casa, que afugente as trevas, que dê ás fórmas ás cousas, que torne os objectos taes quaes são—perfeitamente visiveis.

Que de naturalidade n'esses temores, n'esses rogos, n'esses conselhos !

Previsão fetichista

A prophecia, synonimo de previsão, é de todos os povos e de todas as edades ; e está sujeita á grande lei de evolução do genero humano

Durante a synthese espontanea, o prophetismo não tem, nem póde ter por base a sciencia, não passa de simples adivinhação; e os adivinhos ou feiticeiros em vez dos phenomenos, servem se dos objectos, quer organicos, quer inorganicos, considerados todos como vivos, para dizer o que tem de acontecer em uma época mais ou menos remota.

Eis como os nossos caboclos procediam n'essas occasiões :

O tabaco (petume) era considerado pelos selvagens do Brasil como objecto sagrado, pois que a elle recorriam os adivinhos nos momentos os mais solemnes.

A darmos fé ás antigas relações (diz Fernão Diniz) esses oraculos se mostravam formidaveis, revelando-se ordinariamente entre horriveis convulsões do adivinho; uma voz sinistra annunciava a derrota da tribu, por exemplo, e uma mascara de aspecto terrivel rebuçava o propheta que, despedindo o fumo do sagrado petume pelas ventas e pela bocca, pronunciava o oraculo no meio d'esta estranha ceremonia, porventura mais filha da exaltação e do delirio que do embuste.

Si compararmos este estado inicial com o scientifico ou positivo, não podemos ahi vêr embuste, quando muito ha illusão; e nem é admissivel que meia duzia de impostores, no dizer dos theologos e metaphysicos, sejam capazes de impôr a numerosas populações as suas chimeras, si não fôra da natureza humana a tendencia a prever os acontecimentos futuros.

A prophecia é mais geral do que geralmente se pensa: o astronomo que prevê a conjuncção de dous astros; o philosopho que, seguindo a serie dos acontecimentos politicos, sustenta que a nossa civilisação caminha para a democracia; o homem do povo que vê um máu agouro no apparecimento de uma borboleta preta ou no piar de uma coruja, e um indicio de felicidade na entrada em sua casa de um passaro verde; são todos prophetas: com a differença, porém, que as duas primeiras prophecias, sendo baseadas na sciencia, são positivas; emquanto que as outras nada mais são que resultados da tendencia e necessidade que o homem tem de prever o futuro, para poder guiar-se no presente, não obstante a falta de dados scientificos indispensaveis á verdadeira previsão.

O calendario positivista consagra o prophe-

tismo na pessoa de Teresias, o oraculo de Delphos, onde vemos a independencia do propheta e a subordinação do theocrata ; independencia e subordinação que mostram dous poderes distinctos : o espiritual e o temporal.

Aquelles que estudam a historia sem prevenção, e com o unico fim de reconhecer qual a marcha que tem levado a Humanidade no seu constante aperfeiçoamento, não duvidam um só instante da sabedoria que presidiu á formação do unico calendario capaz de tornar-se universal.

E quem ha de boa fé que desconheça que o prophetismo, pela sua importancia social, está no caso de ser ahi representado ?

O patriotismo apparece na phase fetichista

O patriotismo, egoismo nacional, tem a sua origem no fetichismo; que o estado o mais rudimentario, o bairrismo, é idéa completamente fetichista.

E' sabido que os povos errantes, comquanto vivam de caça e pesca, todavia não deixam de considerar como propriedade collectiva o territorio onde vivem; e tem mais ou menos um apego á terra que habitam, bem que a necessidade os obrigue muitas vezes a emigrar para não morrer de fome.

Como não ha de custar á tribu o ter de abandonar o torrão abençoado que por tanto tempo a sustentou, as montanhas onde caçava, o rio onde pescava, a terra que contém as cinzas dos seus antepassados? Ao deixar esse logar, ella entrega-se toda, si assim se póde dizer, ás incertezas da sorte.

Encontrará ella algures agua em tanta abundancia, caça e peixe bastantes como sohia encontrar outr'ora quando estabeleceu-se, d'onde agora tem de retirar-se?

As arvores, as montanhas, os valles de outras paragens serão tão benevolos? Não lhe quererão mal? Não perseguirão o pobre estrangeiro que vem de longes terras? E como a natureza é boa! Como ella partilha da dôr do homem!

A tristeza reina por toda a parte: já não ha mais caça; o rio corre tão de vagar que parece querer demorar-se para gozar dos poucos momentos que ainda restam antes que parta o seu amigo, o selvagem; as arvores de tristeza deixam cahir suas folhas e choram quando o orvalho as humedece.

Si esses sentimentos não nos são de todo estranhos, o que não será para o filho das selvas, o homem da natureza, que vive da mesma vida que ella?

Ninguem melhor que o camponez, nem mesmo tanto como elle, comprehende hoje esse amor á terra.

Deixemos fallar Michelet:

«Facil é conhecer o pensamento intimo, a paixão do camponez francez.

«Demos um passeio ao campo no domingo, acompanhemol-o. Eil-o que se vae. São duas horas; sua mulher está vestida á domingueira; affianço que vae vêr a sua amante. Que amante? A terra.

«Não digo que vá directamente. Não; elle está livre esse dia, é senhor de ir ou de deixar de ir. Não é bastante que ahi vá todos os outros dias da semana?

«Elle affasta-se, pois, dá uma volta, vae a outra parte, tem outras occupações...

«E no entanto vae.

«E' verdade que passa muito perto; é uma boa occasião.

«Olha, mas não entrará; o que iria ahi fazer?

«Entretanto, entra.

«Mas é provavel que não trabalhe: está vestido á domingueira; tem em si roupa lavada. Ninguem impede, porém, de arrancar algum matto, de tirar uma pedra.

«Ha essa raiz que faz mal e como elle não tem enchada, ficará para amanhã.

«Então, cruza os braços e [illegible] olha serio, pensativo. Olha muito tempo. [illegible] tempo, e parece esquecer-se.

«Por fim, si julga que algu[illegible] percebe alguma pessoa, affasta-se co[illegible]os.

«A trinta passos, pára: [illegible] sobre a sua terra um ultimo olh[illegible]ndo e sombrio; mas para quem sab[illegible]s, é um olhar apaixonado, chei[illegible]

«Si isso não é amor, por qu[illegible]ão o reconhecereis?

«E' amor; ninguem se ri[illegible]

«A terra assim o que[illegible]; do contrario, nada dará essa po[illegible]nça, sem animaes quasi e sem es[illegible]

«Ella produz, porque é a[illegible]let— *O Povo.)*

Culto aos antepassados

E' idéa corrente que a veneração aos mortos é peculiar á raça humana e inherente á sua natureza; o que, porém, ignoram theologos e metaphysicos, é que este culto nasceu com o fetichismo.

Com effeito, si é verdade que durante essa phase de evolução todos os corpos sentem, pensam e obram a seu bel-prazer; si tudo vive nos olhos do fetichista, como é possivel crêr-se na morte? Como admittir-se o aniquillamento dos corpos?

Não, o homem não morre; transforma-se: d'onde o respeito e a veneração aos antepassados; a lei de continuidade, base da organisação da familia; e finalmente o nosso aperfeiçoamento individual e collectivo pela cultura dos bons sentimentos.

A Necropole, a cidade dos mortos, é a matriz da cidade dos vivos; o ponto para o qual convergem todos os olhares: o grande album de todas as familias; o nucleo das povoações nascentes.

Cumpre, entretanto, não confundir a immortalidade dos fetichistas com a dos espiritualistas e a dos materialistas: os primeiros só vêem corpos; os segundos, espiritos; os terceiros, materia.

A alma, essa creação subjectiva que não tem fórma nem movimento, cousa invisivel e immortal, resultado de uma excessiva abstracção, é completamente estranha á religião da infancia; ella é platonica demais para ter entrada no cerebro da criança ou do selvagem. E a prova d'isso está na necessidade que teve Moysés, o maior reformador que a historia nos apresenta, de elevar á altura de principio a resurreição da carne: dizemos necessidade porque, tendo elle de estabelecer uma enorme transição nas idéas reinantes entre os hebreus, que se achavam no estado fetichista, como mostram as tentativas constantes de restabelecer os idolos, não podia deixar de respeitar aquillo que o seu povo considerava como a pedra angular de todos os conhecimentos adquiridos.

E, mesmo assim, esse grande legislador viu-se forçado a conduzir o seu povo através do deserto durante tempo sufficiente para que uma nova geração, alimentada com novas idéas, pudesse consolidar a sua gigantesca obra.

Impondo a fórma mais perfeita do theologismo, Moysés não alterou de modo algum a lei de evolução a que está sujeito o genero humano; elle nada mais fez que dar um grande salto, com

tica; e só restava que a pratica lhe mostrasse a possibilidade de applical-a.

Podemos, pois, considerar Moysés e a civilisação hebraica como o desenvolvimento, ou antes a continuação da civilisação egypcia. Nada ha por conseguinte de sobrenatural no apparecimento d'esse monotheismo n'aquella época.

O fetichista não é polytheista

Enorme é a distancia que separa o fetichismo do polytheismo: o primeiro é extremamente concreto, o segundo eminentemente abstracto; este vê por toda a parte deuses, aquelle só encontra viventes. Para o fetichista a vida é lei geral, tudo anda, tudo pensa, tudo vive; para o polytheista a materia, por natureza inerte, é dirigida automaticamente por tantas divindades quantos são os grupos de phenomenos que lhe parecem distinctos.

O antagonismo entre estas duas crenças é tão grande, que foram necessarios seculos para que o polytheismo pudesse apparecer; e logicamente deve-se consideral-o como uma reacção contra a vontade illimitada de seres isolados, os quaes conservando as suas individualidades, impedem

a abstracção de desenvolver-se e a sciencia de formar-se.

Em verdade a unidade absoluta, ou antes a intima ligação das partes de um todo, como quer que ella se manifeste, é nos olhos do fetichista uma condição indispensavel para a existencia de um ser qualquer. Que longa serie de observações, portanto, não teria sido necessaria para que a synthese fetichista fosse modificada de modo a permittir considerar uma ou mais propriedade do corpo independentemente d'elle?

Na infancia da Humanidade a falta de sciencia é até certo ponto supprida pelo bom senso.

N'essa época de evolução, a concepção de uma entidade abstracta ou de uma divindade é um absurdo: um deus do amor, por exemplo, ou da reproducção é cousa sem sentido, tão incomprehensivel para os homens d'aquelles tempos como o é para as crianças de hoje.

Tendo notado que os homens, como os animaes e as plantas, reproduzem-se, é natural que os nossos antepassados os mais remotos ligassem a idéa de creação ás de pae e mãe, e foi com effeito o que aconteceu: para elles o creador (a mãe) longe de ser um ente abstracto é um ser visivel, palpavel, um objecto material.

O polytheismo não é idolatria, como erradamente pensa muita gente boa; que não é adorar objectos inanimados o representar entidades abstractas por fórmas mais ou menos humanas, com o fim unico de concretisar a idéa, poder mais facilmente idealisar o sentimento, e chegar a estabelecer um culto. Qual era o grego do seculo de Pericles, ou o romano do tempo de Augusto, digno do nome de polytheista, que via na

estatua de Marte o proprio deus da guerra, ou na de Venus a deusa do amor ?

Si uma parte do povo, quer polytheista quer catholico, toma a representação da idéa pela propria idéa, é evidente que ella se acha ser, não polytheista nem catholico, e sim fetichista.

Tão difficil é o emancipar-se das idéas reinantes, que mesmo Hume, historiador e philosopho, enganou-se quando na sua historia natural da religião affirma ter sido o polytheismo a religião primitiva.

A adoração de idolos, ou mais geralmente fallando, de corpos animados ou inanimados, é sem duvida alguma a mais antiga que se conhece ; o mesmo, porém, não se póde dizer da adoração dos deuses, que data do momento em que o homem deixando de considerar os corpos como vivos e activos, passa a consideral-os inertes.

Durante a primeira phase o estado concreto predominando, a abstracção não podia desenvolver-se e a sciencia formar-se ; entretanto que no segundo caso houve excesso de abstração, muito favoravel e mesmo necessario para que os primeiros elementos scientificos pudessem apparecer.

Todas as vezes que vemos um povo nomada (ignorante e barbaro) podemos assegurar, sem medo de errar, que elle é fetichista e acha-se na phase a mais elementar da synthese espontanea.

A supposição de que este estado é uma decadencia do primitivo, que o ponto de partida foi o deismo, é completamente gratuita : ou o deismo é innato, e n'esse caso toda a criança devia de ser deista, o que não acontece, ou então nasceu da observação dos phenomenos e da evolu-

ção natural da raça humana, e portanto não foi o ponto de partida.

As tribus selvagens da America, da Africa e da Asia, eram idolatras, nos diz a historia, unica fonte que podemos recorrer n'esse caso como serie de dados de observação.

Demais o theologismo em geral presuppõe uma enorme abstracção, a qual não póde vir sinão depois da observação concreta; que não ha abstracção sem um todo conhecido ou supposto tal, do qual se possam separar ou eliminar mentalmente diversas partes componentes.

Vejamos o que nos diz a respeito o chefe militante do positivismo:

«O fetichismo, reduzido á observação dos seres, comporta poucas divagações. D'onde podem provir as divagações do espirito humano?

«Da instituição da abstracção, ou da consideração dos phenomenos independentemente dos corpos que os manifestam. D'ahi a possibilidade de conceber o phenomeno debaixo de uma infinidade de condições differentes das que na realidade tem logar.

«Assim é que, si estuda-se o phenomeno da locomoção em si, independentemente dos seres em movimento, chega-se a imaginar a locomoção em uma infinidade de casos que a observação concreta nunca fez conhecer; chega-se a conceber a locomoção n'agua, no ar, para todos os seres quaesquer que sejam; chega-se a concebel a independentemente do tempo, isto é, com uma velocidade infinita.

«Em uma palavra, o estudo abstracto dos phenomenos permitte a concepção de uma infinidade de casos possiveis, ao passo que a observação concreta só faz conhecer os casos reaes.

«A instituição da abstracção, devida ao polytheismo, estabelece para a intelligencia uma situação activa, mas instavel, e constantemente exposta a profundas divagações: o fetichismo, pelo contrario, só considerando os casos reaes, e não os casos possiveis que a abstracção permitte imaginar, offerece um estado mental menos activo sem duvida alguma, mas de uma grande consistencia e de uma perfeita rectidão.» (P. Laffitte —*Considerações geraes sobre o complexo da civilisação chineza.*)

Como a criança, o fetichista é distrahido, incapaz de qualquer esforço intellectual, não sabe destacar dos corpos que o cercam uma ou mais propriedade, nem tão pouco formular a mais simples hypothese tendente a explicar os phenomenos que affectam os seus sentidos; o polytheista, pelo contrario, similhante ao moço, é activo, de uma imaginação exaltada, e está sempre prompto a construir hypotheses sobre hypotheses com o fim de explicar o menor accidente, a mais ligeira mudança ou modificação que vê ou suppõe vêr. Predomina no primeiro a objectividade, e por isso póde facilmente tornar-se idiota: o segundo é mais subjectivo, com facilidade cahirá na loucura.

Exemplifiquemos:

«Parece que o espirito do selvagem está como que adormecido; si faz-se-lhe uma pergunta de repente, é necessario repetil-a muitas vezes e fallar com emphase até que elle tenha bem comprehendido o que se quer. Isso póde em parte provir de não conhecermos bem a sua linguagem; entretanto esta explicação não é bastante, porque o selvagem chega a esquecer-se mesmo fazendo communicações voluntarias.

«Quando a sua attenção está bem desperta-da, elle dá muitas vezes prova de muita vivacidade na replica e no raciocinio. Mas uma curta conversação o fatiga, sobretudo si se lhe faz perguntas que exijam esforço de intelligencia ou de memoria para responder. Apparece então a fraqueza, o espirito do selvagem vacilla, por assim dizer, e só responde dizendo mentiras e absurdos.» (Sproat—*Scenas e estudos da vida selvagem.)*

«Muitas vezes eu perguntei aos negros, diz Park, o que tornava-se o sol durante a noute, e si no dia seguinte de manhã veriamos o mesmo sol ou um sol differente. Elles pensavam que era isso uma questão absurda. A materia lhe parecia tão fóra de solução, que não se davam ao trabalho de tentar uma conjectura ou de fazer uma hypothese.» (Park—*Viagens.)*

Qual é o motivo d'esse estado intellectual vacillante ou adormecido, como diz Sproat?

Porque não se aventuram elles a fazer uma hypothese para explicar o apparecimento e desapparecimento do sol?

Não será pela impossibilidade, visto o estado elementar de evolução em que se acham, de contemplar os phenomenos em vez das causas?

Não será porque similhantes idéas são por demais abstractas para a intelligencia do selvagem?

A abstracção é filha do polytheismo, por assim dizer, o qual não sabe regral-a, máu grado a instituição do Destino a que estão sujeitos os proprios deuses; de sorte que o polytheismo, e mesmo o monotheismo, debaixo d'este ponto de vista, é mais ou menos anarchico, postoque não tanto como a metaphysica. Ora, o mesmo não se

dá com a synthese inicial—o fetichismo—que é eminentemente estavel, como veremos quando tratarmos da civilisação do Celeste Imperio.

.....

Os fetichistas do continente americano

A descoberta da America foi funesta aos seus aborigenes. Os europeus apossando-se do Novo Mundo, não se contentaram em compartir com os filhos da terra as vantagens de um vasto e uberrimo territorio; foram mais longe: ensoparam as suas mãos sedentas de ouro no sangue dos innocentes, e extinguiram populações inteiras de fetichistas.

Esse horrivel massacre, que nodòa as primeiras paginas da historia da America, tem sido interpretado de diversos modos: uns pretendem que os selvagens não são susceptiveis de civilisação; outros que a selecção natural sendo uma lei, raças humanas ha que estão destinadas a desapparecer da superficie da terra, para dar logar a outras que lhes são superiores; houve mesmo quem dissesse que os selvagens não eram

homens e sim animaes, e que como taes deviam de ser tratados.

Todos esses erros, que tantos males tem causado á Humanidade, tem por causa unica a impossibilidade para o theologo, e mais ainda para o metaphysico, de collocar-se no estado relativo, e vêr as cousas como ellas são, e não como elle quer que sejam.

O catholicismo e o islamismo, como as diversas seitas protestantes, por natureza são intolerantes, máu grado os constantes protestos de respeito e consideração á liberdade de pensamento e de consciencia.

Segundo o seu modo de pensar o monotheista julga que só elle está com a verdade.

E' assim que, para o monotheista, a religião sendo uma cousa revellada, fixa, determinada, que não soffre modificação alguma, a lei de evolução do genero humano lhe é desconhecida: não admitte que em taes materias a Humanidade possa dar um passo além d'aquillo que elle suppõe ser o ideal: por conseguinte torna-se-lhe impossivel comprehender o estado inicial—o fetichismo: d'ahi essa guerra de exterminio entre os que se dizem civilisados e as innocentes victimas dos erros d'esses orgulhosos theologos e metaphysicos.

E nem se diga que os padres da Companhia fazem excepção á regra; que os jesuitas na America Meridional foram mais que heróes, foram martyres da liberdade, defendendo sempre os selvagens das brutaes aggressões dos demais europeus; que Antonio Vieira, Anchieta, Lascasas, foram os seus maiores protectores: que não é protecção a infeliz idéa de escravisar o pobre africano (tambem fetichista), e as celebres en-

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - U S P
BIBLIOTECA PAULO BOURROUL

tradas no sertão para ir buscar, melhor diriamos, caçar indios.

A respeito da escravidão dos indios, eis o que diz o bispo Azeredo Coutinho, considerado por muitos dos nossos homens politicos como philosopho e sabio :

«Em quasi todas as edades e republicas do mundo, foi a escravidão permittida ; e supposto o contradiga Bodino, fundado em que é contra a mesma natureza, conforme a opinião dos jurisconsultos, e que a origem da escravidão e das mesmas republicas foram a violencia, a crueldade e a avareza ; comtudo os theologos sustentam que ella sómente contradiz a permissão do direito natural, e não as suas leis e preceitos—sendo que a liberdade vem a ser a permissão natural que a todos permitte livres, a qual póde derogar-se pelo direito das gentes, introduzindo-se com este a servidão. E não se diz preceito natural porque pela natureza nunca se concluiu positivamente que os homens fossem livres como tambem as republicas não tiveram seu principio em Caim, ou em salteadores, na fundação da cidade que elle affirma edificou ; mas em Tubal-Caim, seu filho, com o racional pretexto de viver em policia e com segurança. Assim o entendem Nicoláu de Lyra, Navarro e Platão. E dizer se o contrario fôra infamar a origem das potestades que são de Deus, como affirma S. Paulo, dizendo : —*Qui resistit potestati, Dei ordinationi resistit.* E tendo tão excellente principio não deviam os dominios e as republicas fundar-se com accessorios tão injuriosos e nocivos, mas muito racionaes e de bom titulo ; e tambem por boa consequencia deviam os escravos proceder de guerra justa, ou de outra qualquer causa licita. E porque sobre

esta materia ha definições da santa egreja, a ellas humildes nos submettemos.

«Que seja no mundo antiga a servidão o mostra a venda de Joseph aos ismaelitas por seus irmãos para o Egypto. E tolerado o seu uso pelas nações todas o prova entre os hebreus a lei divina—que entre si mesmo se vendiam, bem que a escravidão era voluntaria, de sete annos, ou por toda a vida, si d'isso era contente o escravo: o que não se entendia dos escravos estrangeiros, comprados, ou por qualquer outro meio adquiridos, porque esses a mesma lei lh'os adjudicava perpetuos e hereditarios. E si a condição servil fosse contra o direito natural, é sem duvida que a não poderia licenciar o positivo ou o das gentes; o que tambem se convence por se conformar com a doutrina de S. Paulo e S. Pedro, que em muitos logares dão aos escravos documentos e regras de bem viver com seus senhores, e a estes de como os devem tratar, sem nunca admoestar a uns que fujam e aos outros que os libertem. antes baptisado um escravo de Philemon pelo apostolo das gentes lh'o remetteu recommendado. Aristoteles julga similhante estado por mui conforme á natureza, e muito util aos que n'elle vem a cahir, opinião favorecida de Santo Agostinho, porque quem negará que melhor que matal-o é conservar, alimentando-o, um escravo de guerra justa, d'onde lhes procedeu a denominação de servos, como resolvem Santo Isidoro, e o já citado Doutor Grande? E quanto mais proveitoso lhe será, introduzindo-o, e doutrinando-o na fé santa, e fazel-o cidadão do céu, com-servo comnosco d'aquelle Altissimo Senhor de todos, como diz S. Paulo, do que deixal-o perecer com sua infidelidade cega, e ainda por tão estranho modo

qual entre estes gentios do Maranhão se observa, matando-se e comendo-se contra toda a lei divina e natural? E si *ex duobus malis minus est eligendum* dado o caso que a escravidão o seja grave, qual será aquelle que, comparando-a com o da infidelidade, sobre todos infelice, lhe chame mal? E mudada ella pela occasião do captiveiro em a christã fidelidade, quem o não intitulará felicidade summa? N'isto se fundava, mas a outro proposito Tertuliano, quando dizia que ha injurias a que se devem graças. Muito melhor o santo hyponense ao nosso intento: *Si omnibus hominibus non pecare quam pecare melius; est melius profectu stulti omnes viverent, si servi possunt esse sapientium?* Neguem-me agora que os indios são ignorantes sobre toda a ignorancia, vivendo como vivem, e morrendo como morrem. E si quaesquer catholicos, em razão do objecto da sua profissão e doutrina santa, inda que errados peccadores, podem deixar de intitular-se sabios? E que não lucram sendo escravos estes gentios, em recompensa da perdida liberdade, na terra, ao presente, da sabedoria a nobre prerogativa, e no céu, de futuro, a maior isenção e o fôro mais fidalgo?»

A dar credito ao que nos diz Azeredo Coutinho, a egreja sancciona a escravidão: e si no XIX seculo um bispo illustrado prega taes cousas, o que não devia acontecer por occasião da descoberta do Brasil?

E' facto incontestavel, que todos nós pensamos mais ou menos conforme as idéas reinantes do seculo em que vivemos; e debaixo d'esse ponto de vista a nossa responsabilidade é collectiva.

Cumpre entretanto fazer justiça aos que merecem-n'a: os jesuitas estão, debaixo do ponto

de vista de tolerancia e portanto de bom senso, muito acima dos metaphysicos deistas que estabeleceram-se no Norte da America e conseguiram, por bons meios, afugentar até ás praias do Pacifico (queriamos dizer ás bordas de um abysmo) os innocentes que, por não comprehendel-os, foram condemnados *á morte voluntaria*.

Tocqueville, na obra intitulada—*Democracia na America*, descreve a maneira por que esses bons republicanos conseguiram afugentar os selvagens sem lhes declarar a guerra.

«Ousados aventureiros, diz elle, se dão pressa a entranhar-se pelos sertões indianos, e avançando quinze ou vinte leguas além da ultima fronteira dos brancos, vão levantar a habitação do homem civilisado no coração mesmo da barbaria. Então fogem de todo, e sem regresso, os animaes bravios que occupavam os espaços intermidiarios; e os selvagens, que até esse tempo tinham vivido n'uma especie de abundancia, já encontram difficuldades na acquisição da subsistencia e sobretudo na dos objectos de escambo, de que hão mister.

«Afugentar a sua caça tanto monta como esterilisar o campo do agricultor civilisado. Bem depressa a fome os salteia com todos os seus horrores, e estes infelizes vagueam então como lobos esfaimados no meio dos seus desertos. O amor instinctivo da patria os prende longo tempo ao solo que os viu nascer, e onde só encontram a miseria e a morte. Afinal lhes é forçoso decidir-se; partem e seguem na fuga o bufalo e o castor a quem deixam o cuidado de guial-os a uma nova patria. A fallar com propriedade não são pois os europeus que expulsam os indigenas, é a fome:

feliz distincção, que escapára aos antigos casuistas e que os doutores modernos descobriram !»

Esses puritanos são de uma pureza verdadeiramente christã : elles não matam ; fazem morrer !

E' conhecido o modo por que os sanguinarios hespanhoes, verdadeiros bandidos, se portaram para com os selvagens do Novo Mundo, açulando cães, queimando velhos e moços, espatifando crianças.

Quem ignora as proezas do celebre Valverde ?

Este ministro de Christo, com o crucifixo em uma mão e o breviario na outra, depois de ter exposto ao Inca do Perú em um longo discurso a doutrina da creação, a quéda de Adão, a incarnação, os soffrimentos e a resurreição de Jesus Christo, a nomeação de S. Pedro para chefe da egreja, e a transmissão d'esse poder apostolico por successão aos papas e finalmente a doação ao rei de Castella, pelo papa Alexandre, de todo o Novo Mundo, apresenta a Biblia a Atahualpa, o qual tendo-a levado ao ouvido, como nada ouvisse, lança-a por terra. Enfurecido então o monge com um tal procedimento, dirige-se para os seus conterraneos, e exclama em voz alta : «A's armas, christãos, ás armas ; a palavra de Deus foi insultada ; seja essa profanação vingada n'esses impios cães.»

Depois d'estes eloquentes factos, depois d'estas provas historicas, quem ha tão falto de logica que ainda sustente que o catholicismo, ou si se quizer, o christianismo, possa tornar-se universal ?

Dir-me-hão que foi abuso, e que com abusos não se argumenta ?

Mas o abuso é excepção, e onde está a regra ?

Já vimos que Moysés e seus continuadores foram forçados a exterminar uma geração inteira de fetichistas, antes de fundar a sua theocracia monotheista.

O que tem conseguido os inglezes na India e na Africa a tal respeito?

Nada, absolutamente nada.

Theologos e metaphysicos, catholicos e deistas, todos são impotentes quando se trata da educação universal; porque todos baseam se na idéa negativa do absoluto, e nem um d'elles póde collocar-se no estado relativo por falta de conhecimento prévio da lei de evolução do genero humano.

A descoberta da America, abrindo um campo vasto á propagação da fé, collocou o catholicismo diante de um formidavel dilemma: conseguir convencer os indigenas da verdade da doutrina, e chamal-os pela persuasão ao gremio da egreja romana; ou então extinguir a raça conquistada, provando assim que o tão preconisado monotheismo do occidente, que já tinha estacado na Asia em frente do islamismo, pelo simples facto de mostrar se agora incapaz de civilisar o selvagem, ia soffrer um golpe mortal.

Não podendo comprehender as crianças do Novo Mundo, e como que agastada de suas travessuras, a velha Europa sanccionava as maiores atrocidades, sem perceber que com isso mostrava a falsidade da synthese que ella suppunha ser universal.

O seguinte documento historico, mostrando o modo por que os hespanhoes assenhoreavam-se dos homens e das cousas do Novo Mundo, é digno de toda a attenção:

«Eu Alonso de Hojeda, vassallo dos muito al-

tos e muito poderosos reis de Castella e de Leão, vencedores dos barbaros e infieis, e seu embaixador e capitão, vos notifico e faço saber, munido dos plenos poderes a mim conferidos, que Deus Nosso Senhor, que é unico e eterno, creou o céu e a terra, assim como o homem e a mulher, dos quaes descendemos nós e vós outros, e todos os mais homens que existiram, existem e hão de existir até o fim do mundo. Mas como aconteceu que as gerações successivas durante mais de cinco mil annos fossem dispersas pelas differentes partes do mundo, e se dividissem por muitos reinos e provincias, visto como uma terra só não era cabal para os soster e manter a todos; foi por razão d'isso que Deus Nosso Senhor confiou o cuidado de todas as nações a um homem que se chamava Pedro, ao qual alevantou por senhor e cabeça de todo o genero humano, afim que todos os homens lhe rendessem obediencia, sem escolha de logar em que nascessem, ou de religião em que fossem doutrinados, submettendo a esse intento a terra inteira á sua jurisdicção, e ordenando-lhe de assentar a sua residencia em Roma, que em verdade é o logar mais asado para a governação do mundo. E por egual lhe prometteu e conferiu o poder de dilatar e estender a sua autoridade por todas as partes do mundo, onde mais quizesse, e de avassallar e julgar todos os christãos, mouros, judeus, idolatras e quaesquer outros povos de qualquer seita ou crença que ser pudesse. A este foi dado o nome de Papa, que tanto monta como dizer—admiravel, grande, pae e tutor, sendo que com effeito é o pae e regedor de todos os homens. Os que viveram no tempo d'este santissimo padre o confessavam por seu rei e senhor, e como a tal lhe obedeciam, transmittin-

do-se esta obediencia aos que lhe succederam no pontificado, como ainda hoje continúa e continuará até a consummação dos seculos.

«E um d'estes soberanos pontifices, como senhor universal da terra, fez mercê e doação d'estas ilhas, e da terra firme do oceano, a SS. MM. CC., os serenissimos reis de Castella, D. Fernando e D. Isabel, de gloriosa memoria, e a seus successores, nossos soberanos, com tudo quanto n'ellas se achasse, como tudo vem expresso nos autos que vos serão mostrados, si o desejardes. Assim que, e em virtude da sobredita doação, é S. M. rei e senhor d'estas ilhas, e da terra firme, sendo que por tal o acclamaram e reconhecem as mais das ilhas a que se deu conhecimento dos ditos autos e titulos, e n'essa qualidade de seu senhor legitimo que é, lhe rendem preito e menagem, de muito bom grado e sem nenhuma opposição. E como os ditos povos foram inteirados da sua vontade, para logo se conformaram com ella, recebendo a instrucção e doutrina que lhes ensinavam os varões que a esse intento lhes enviou S. M., fazendo-se todos christãos, e continuando a sel-o, não movidos de esperança alguma de galardões ou temor de castigo. S. M. que os acolheu com bondade sob a sua poderosa protecção, foi servido determinar que fossem todos tratados de feição, como os outros seus subditos e vassallos. Estaes, pois, adstrictos e obrigados a portar-vos do mesmo modo, pela qual razão vos peço e rogo hajaes de reflectir maduramente em tudo quanto vos acabo de propôr, afim de que possaes reconhecer a egreja por soberana e guia universal, e o santissimo padre, chamado papa, em virtude de seu proprio poder, e a S. M. por doação do papa, como reis e senhores soberanos d'estas

ilhas e terras firmes, não pondo embaraço algum á pregação da fé.

«Si vos conformaes com isto, andareis bem, e cumprireis vossos deveres; por onde S. M., e eu em seu nome, vos havemos de acolher com amor e bondade, deixando-vos a vós, vossas mulheres e vossos filhos, em plena liberdade, e livres do captiveiro, gosar de todos os vossos bens, sem nenhuma differença dos habitantes das ilhas, afóra outros muitos privilegios, isenções e regalias que vos ha de acordar S. M. Porém si refusaes, ou dilataes maliciosamente a obediencia devida á presente notificação, n'e se caso, com ajuda e favor do Todo Poderoso, entrarei forçosamente por vossas terras e vos farei cruellissima guerra, até de todo reduzir-vos á obediencia da egreja e d'el-rei, arrebatando vossas mulheres e filhos para se venderem como escravos ou d'elles se dispôr como aprouver a S. M., tomando-vos todos os vossos bens e fazendo-vos todo o mal e hostilidades, quanto em mim couber, como a subditos rebeldes e levantados. E já d'aqui protesto que todo o sangue derramado, e mais desgraças que succederem, por razão de vossa desobediencia, nunca jámais se imputem senão a vós mesmos, e não a S. M., nem a mim, nem a nenhum dos subditos de S. M. que servem debaixo de minhas ordens. Em fé do que, e para a todo o tempo constar, tendo-vos feito esta intimação e requisição, se lavrou o presente auto.»

O resultado de um tal procedimento foi (o que era de esperar) que os indios não podendo comprehender a civilisação européa, não aceitaram-n'a; e os hespanhoes, incapazes de descer até elles, vendo baldados os seus esforços de per-

suação, recorreram á força bruta, e conseguiram, não civilisal-os, mas destruil-os.

Eis a esplendida victoria que o catholicismo obteve na America!

Outra teria sido por certo a consequencia, si os indios conseguissem vencer os europeus, como nol-o diz claramente a historia. Em verdade, a invasão dos barbaros no meio-dia da Europa e o seu resultado mostram perfeitamente bem que os barbaros sendo conquistadores, recebem de boa vontade, e direi mesmo com prazer, a civilisação das mãos dos vencidos. A necessidade teria então obrigado o orgulhoso e exclusivista monotheista a instruir, em vez de escravisar e matar o innocente fetichista, em cuja lingua (no dizer do Dr. Robertson, autor da celebre historia da descoberta e conquista da America) não se encontra uma só palavra que não exprima um objecto corporeo, sendo o tempo, o espaço, a substanci e milhares de outros termos que representa idéas abstractas e universaes inteiramente d conhecidos.

Com effeito, assim devia ser: o tempo, o e. paço e a substancia, como entendem os nossos metaphysicos, são enormes abstracções, incompativeis, por certo, como o estado eminentemente concreto da infancia da Humanidade.

Para o individuo, como para a especie, a experiencia propria é a que mais aproveita.

Os autochthones, entregues a si, lentamente vão aprendendo á sua custa, instigados pelas necessidades crescentes que sóem apparecer com a evolução natural da raça humana.

Longe de ser a sociedade, como erradamente pensa Rousseau, um contrato feito para salvaguardar pretendidos interesses que ainda não

existem, é ella, pelo contrario, o resultado do desenvolvimento, a principio espontaneo e depois systematisado, da raça humana, visto como é o homem d'entre todos os animaes o mais sociavel.

O aperfeiçoamento tanto do individuo como do genero, quer se trate do reino vegetal, quer do animal, é funcção da organisação e do meio em que vive; e esse aperfeiçoamento opera-se lentamente e por gráus successivos: de sorte que uma grande e brusca alteração no meio póde acarretar o desapparecimento da especie.

Ora, o homem sendo por natureza um animal eminentemente sociavel, o desenvolvimento da especie influe muito mais n'elle que n'um outro individuo qualquer, e o mundo externo, que constantemente o affecta e modifica, abrange não só os phenomenos physicos, provenientes da natureza, como os moraes, provenientes da sociedade em que vive.

Querer, portanto, obrigar a que um povo fetichista passe rapidamente e por imposição á ultima phase theologica, é ignorar completamente a grande lei que preside ao desenvolvimento physico, intellectual e moral da Humanidade; é querer que a criança fique homem do dia para a noute; é commetter um grave erro, cujas funestas consequencias serão o aniquilamento d'esse povo.

Si o catholicismo fosse uma synthese relativa, como o é o positivismo, então talvez conseguisse apressar a evolução d'essa sociedade primitiva, fazendo passal-a successivamente, e segundo a ordem que nos dá a lei do progresso, por todos os estados anteriores.

Infelizmente, porém, a synthese reinante

não era uma religião de paz e concordia, como se diz; e os europeus apresentam-se na America como verdadeiros barbaros.

«Quando me lembro da sanguinolenta e cega vingança com que Hojeda e seus companheiros puniram a resistencia natural que os indios oppuzeram aos invasores hespanhoes, e vejo a clemencia e moderação que mostravam os indigenas no momento em que a vingança se lhes offerecia, confesso que fico em duvida a quem deve ser dado o nome arbitrario de selvagem.» (Washington Irving—*Companions of Columbus.*)

Demos agora alguns exemplos com o fim de mostrar em como os autochthones do continente americano são fetichistas:

«Os caraibas explicam os eclipses suppondo que a lua está doente ou que é atacada pelos seus inimigos; e esforçam-se por enchotal-os por meio de danças e gritos, agitando a sagrada matraca.» (Lafitau.)

«Os indios chiquitos pensam que durante os eclipses, o sol e a lua são cruelmente dilacerados pelos cães que habitam a athmosphera, quando a luz começa a desapparecer, e attribuem a côr vermelha, ordinaria nos eclipses, ao sangue proveniente das mordeduras d'esses animaes. E para defender os seus queridos planetas d'esses cães aereos, atiram para o ar uma nuvem de flechas acompanhadas de grandes vozerias.» (Dobritzhoffer.)

«Darwin viu na Patagonia uma arvore sagrada que os naturaes do paiz consideram, não como deus, senão como a morada de Walleechu; e confessa que os gauchos dizem que os indios consideram a propria arvore como deus.» (Lubbock.)

Parece-nos que os gauchos, que vivem por assim dizer com os indios e os devem portanto conhecer, estão com a verdade, e que é Darwin quem se engana. Nem é para admirar que isso se désse, pois que Darwin sendo metaphysico, com difficuldade podia collocar-se no estado relativo necessario para bem comprehender ess s homens crianças.

Ainda nos costumes os mais extravagantes dos nossos selvagens nota se a influencia do fetichismo.

Lê-se no *Roteiro*, de Gabriel Soares:

«Estes captivos (prisioneiros de guerra) mettem-n'os em prisões, as quaes são cordas de algodão grossas, que para isso tem mui louçãs, a que chamam muçuranas; e com ellas os atam pela cinta e pelo pescoço, onde lhes dão muito bem de comer e lhes fazem bom tratamento, até que engordam, e estão estes captivos para se poderem comer, que é o fim para que os engordam; e como os tupinambás tem estes contrarios quietos e bem seguros nas prisões, dão a cada um por mulher a mais formosa moça que ha na sua casa, com quem se elle agazalha todas as vezes que quer, a qual moça tem cuidado de o servir, e de lhe dar o necessario para comer e beber, com o que o cevam cada hora, e lhe fazem muitos regalos. E si esta moça emprenha do que está preso, como acontece muitas vezes, como páre, cria a criança até a edade que se póde comer; que a offerece para isso ao parente mais chegado, que lh'o agradece muito, o qual lhe quebra a cabeça em terreiro, com as ceremonias que se adiante seguem, onde toma o nome; e como a criança é morta, a comem assada e com grande festa, e a mãe é a primeira que come

d'esta carne, o que tem por grande honra, pelo que de maravilha escapa nenhuma criança que nasça d'estes ajuntamentos que não matem; e a mãe que não come seu proprio filho a que estes indios chamam *cunhambira*, que quer dizer filho do contrario, tem-n'a em ruim conta, e em peior si o não dá a seus irmãos ou parentes com grande contentamento.»

Este barbaro costume funda-se na crença reinante de que a carne do guerreiro ou do seu filho tem a propriedade de tornar valente os que d'ella se alimentam; esta idéa, proveniente da impossibilidade de considerar as propriedades de um corpo independentemente d'elle, é perfeitamente fetichista.

A meu vêr, não foi a difficuldade de conservar os prisioneiros de guerra, no estado errante em que viviam os nossos indios que deu origem á anthropophagia, como pensa Condorcet, que podiam elles matal-os simplesmente, como tem feito tantos dos nossos cabos de guerra; senão a crença fetichista que a assimilação da carne d' guerreiro é o meio mais facil de ficar tambe guerreiro.

«Os caraibas, nos diz Müller, não come porco nem tartaruga, de medo que seus olh não fiquem tão pequenos como os d'estes animaes.»

A convicção de que o homem participa do caracter do animal de que se alimenta não é peculiar aos nossos caboclos; pertence a todos os povos em identicas circumstancias de civilisação.

«Essa idéa que nos parece absurda, escreve Lubbock, não o é para as crianças. Lembro-me ter ouvido uma criança dizer a seu irmão: si continuas a comer tanto peto, ficarás animal

como elle; e poucas crianças existirão que não cream legitima uma tal inducção.» (John Lubbock—*As origens da civilisação.)*

Temos muitas vezes ouvido dizer que as crianças que se alimentam com leite de cabrita são muito travessas, saltam e pulam como fazem os cabritos.

Que a alimentação influe consideravelmente no individuo, a ponto de, quando criança, modificar dentro de certos limites a sua constituição, é facto incontestavel; essa modificação, porém, é unicamente proveniente da qualidade e quantidade dos alimentos.

O fetichismo na Arabia

Parecerá talvez estranho que na séde do islamismo encontre-se tambem o fetichismo; entretanto é esta uma grande verdade.

Moysés, Jesus, Mahomet, foram reformadores; é portanto evidente que as syntheses hebraica, catholica e mahometana não sãò espontaneas.

Para os respectivos theologos, todas estas religiões são reveladas; para nós positivistas ellas são o resultado da evolução do genero humano, cujo ponto de partida é o fetichismo.

Dirão que temos uma idéa fixa e que não é assim que se póde estudar com vantagem a historia?

Diremos que sem synthese, sem systema, sem uma hypothese que ligue os factos observados (como muito bem notou Augusto Comte), todo o

estudo é infructifero. Diremos mesmo que é loucura colleccionar factos destacados sem lei alguma que os ligue.

Para que servirão então elles?

Antes de Mahomet, a Arabia era povoada por tribus nomadas e fetichistas, que se guerreavam umas ás outras, como sóe acontecer em identicas circumstancias.

Eis o que a respeito nos diz P. Laffitte, nos grandes typos da Humanidade:

«Havia um ponto de reunião, que foi o nucleo em torno do qual agruparam-se essas hordas independentes, e até certo ponto inimigas, e que mais tarde constituiram o povo arabe propriamente dito.

«Esse logar sagrado chamava-se, e ainda hoje se chama, Meca; não a cidade, que não existia então, e sim um valle onde havia um recinto especial (Haram) onde as diversas tribus vinham collocar os seus idolos. No centro, elevava-se a celebre Caaba, especie de capella muito estreita, na qual conservava-se piedosamente essa pedra negra tão afamada, objecto de uma profunda veneração e de um culto particular. N'essa época ninguem podia construir a sua habitação na visinhança d'esse santuario. O arabe passava ahi o dia, mas á tarde voltava para a sua tenda. Entretanto esse logar estava destinado a ser a matriz da civilisação arabica.

«Segundo a tradicção, o culto unitario da Caaba foi instituido por Abraham.

«Desde tempos immemoriaes, a Méca é para o arabe o que é Jerusalem para os judeus e Roma para os catholicos.

«Não obstante, porém, a existencia d'esse centro de união religiosa, as tribus conservavam-

guerra civil que estava imminente. Um koreichita de edade já avançada propôz que se tomasse por arbitro a primeira pessoa que entrasse no recinto onde funccionava a assembléa: todos concordaram. e quando os olhares dirigiram-se para a entrada, El-Emim (Mahomet) apparece e é tomado por arbitro. Elle manda então estender no chão um manto, escolhe quatro dos mais importantes dos quatro principaes ramos da tribu, e manda que cada um segure n'uma extremidade do manto sobre o qual estava a pedra; uma vez elevado d'este modo á altura conveniente, Mahomet a toma e colloca-o no muro que lhe estava destinado, fazendo assim parte da empreza, e conciliando ao mesmo tempo as pretenções dos rivaes.

«Havia tambem um velho costume fetichista ue consistia em consultar a sorte por meio de es frechas, do seguinte modo: escrevia-se na rimeira uma resposta affirmativa, na segunda ma negativa, e deixava-se a terceira em branco; atirava se uma d'essas flechas tomadas ao acaso, e considerava-se como resposta a indicação fornecida pela sorte.»

Por força da lei do habito, toda a reforma radical e immediata é absurda; razão por que os grandes reformadores, não podendo romper bruscamente com os preconceitos do povo os sanccionavam, incluindo-os na reforma que tencionam fazer. Assim, Mahomet, indo a Meca, e aceitando o culto da pedra negra (Caaba), procedeu sabiamente, e pôde dest'arte chamar a si a grande massa do povo.

Agora perguntaremos:

A pedra d'ara que se acha em todos os nossos altares, e que é diariamente osculada pelo sacer-

dote por occasião da celebração da missa, não será uma reminiscencia d'esses tempos primitivos, não terá a mesma origem?

Pedimos venia a quem melhor que nós deve saber, não para explicar a incorporação no catholicismo d'esse culto fetichista, mas para fazer uma simples pergunta.

O fetichismo na India

E' muito difficil, senão impossivel, historicamente fallando, achar um typo concreto para representar a synthese espontanea.

Duas são as causas que impossibilitam remontar aos tempos prehistoricos: primeira, a ausencia completa de escripturação, mesmo hierogliphica, durante toda a longa phase do fetichismo não systematisado, que preside ao estado nomada; segunda, a falta n'essa época de uma corporação, que, livre dos cuidados da vida vegetativa, entregasse-se exclusivamente á vida de relação.

Entretanto, póde-se, como fez Augusto Comte, aceitando a lenda, personificar em Manú, o legislador da India, a religião da infancia da Humanidade.

Com effeito, o brahamanismo que conta em

seu seio milhões de fieis, foi em sua origem fetichista, como nos faz vêr a leitura cuidadosa dos Vedas, o monumento mais antigo que se conhece da civilisação indú. E' sabida a homenagem que os indios rendem ao seu grande rio : o Ganges é na India o que o Nilo é no Egypto—um grande feitiço. Ainda mais, o fogo (Agni), o vento (Maront), o ar (Vayou), o crepusculo, a aurora, o sol, o firmamento, Indra emfim, formam o assumpto do Rig-Veda. Ahi vemos formar se lentamente, com o culto do fogo, a religião do lar domestico. Mesmo hoje, depois da grande reforma conhecida pelo nome de budismo, o culto professado pela classe baixa do Indostão é mais fetichista que polytheista. Um dos missionarios do Oriente, o abbade Dubois, em sua obra publicada em Londres a expensas da Companhia das Indias, fallando das festas publicas, assim se exprime :

«Em fins de Novembro ou principios de Dezembro celebra se a festa *divontigai*. Durante muitos dias, os indios, todas as noutes, accendem ás portas de suas casas lanternas de papel fixas em estacas e dispostas ao longo das ruas ; essa festa parece principalmente destinada a honrar o fogo. Por essa occasião, os lavradores, tres dias consecutivos, fazem offertas de flôres, lampadas accesas, arroz cozido e fructas, aos monturos que tem de ser empregados como estrumes no amanho das terras ; então, prostrados diante d'essas immundicies, fazem humildes votos para que ellas hajam de fertilisar as suas terras e procurar-lhes d'est'arte abundantes colheitas.

«No começo de Fevereiro, continúa o mesmo abbade, celebra-se em honra das cobras, sobretudo da especie mais venenosa—nahaga ou na-

hagara—uma grande festa (nahagara-pantchamy). Os habitantes vão então visitar os buracos em que esses animaes se conservam occultos e offertam-lhes leite e fructas.»

Vem depois o culto ao macaco (Anouma), ao touro (Bassora), á aguia (Garuda), a certas plantas (Darba, Assuata) e finalmente á celebre pedra salagrama (concha-fossil) que os brahamanes dizem ser uma metamorphose de Vichnú.

A' vista d'isso que digam os deistas si o homem começou pela observação concreta ou si pela abstracção: e si a lei dos tres estados descoberta por Comte não é a expressão da verdade?

«O indú, diz Dubois, extravagante em tudo, venera e adora mais ou menos solemnemente quasi todas as creaturas vivas—quadrupedes, passaros e reptis. A vacca, o macaco, a aguia e a serpente são os mais venerados; mas o tigre, o elephante, o cavallo, o veado, o carneiro, o porco, o cão, o gato, o rato, o pavão, o gallo, o camaleão, o lagarto, a tartaruga, os peixes e mesmo os insectos, compartilham as honras divinas O boi é o animal sagrado por excellencia na India e em Ceylão.»

Fergusson conta que durante a sua estada em Tessora viu uma vez uma grande multidão passando perto da fabrica que dirigia. A principio não prestou attenção, julgando que essa gente ia a alguma feira; mas a multidão tornou-se cada dia mais consideravel e tomou um caracter religioso. Pediu então explicações, e, disseram-lhe que um deus tinha apparecido em uma arvore, n'um logar situado a seis milhas da fabrica pouco mais ou menos.

No dia seguinte pela manhã dirigiu-se para ahi. Em uma aldêa que lhe era muito conhecida,

tinham escavado uma grande praça, no meio da qual achava-se uma antiga tamareira, um tanto estragada, coberta de grinaldas e promessas. Tinham construido casas em roda para os brahmines, e fazia-se já muito negocio de presentes e Pujá Em resposta ás suas perguntas ácerca do modo por que o deus se manifestava, disseram-lhe que, pouco tempo depois do nascimento do sol, a arvore levantava as folhas para saudal-o, e que as inclinava de novo á tarde.

Como era facil verificar esse milagre, Fergusson voltou ao meio-dia e viu que não o tinham enganado. Algumas indagações e um pouco de reflexão permittiram-lhe explicar o mysterio. A arvore, que estava antigamente no meio da principal rua da cidade, tinha-se inclinado tanto que tornava difficil o passar-se por baixo; torceram-n'a então para o lado e prenderam-n'a parallelamente á estrada Com esta operação, as fibras de que se compunha o tronco tinham ficado torcidas como os fios de uma corda. Quando os raios solares da manhã cahiam sobre as superficies superiores d'essas fibras, o calor as fazia contrahir; d'ahi uma tendencia a torcer-se que fazia levantar as folhas da palmeira. O sereno da tarde, pelo contrario, relachava as fibras, e as folhas cahiam.

Foi assim que o homem da sciencia, do mesmo modo que o credulo indú, adquiriu a prova de que o phenomeno era devido á acção directa do deus sol.

Todos os povos da India, diz ainda Dubois, reconhecem a divindade d'agua. Além do culto bem conhecido do Ganges, as tribus das collinas Neilgherry adoram os rios sob o nome de *gangamma*; e quando os atravessam deitam n'agua

uma moeda, a modo de presente e como recompensa de uma feliz viagem.

Segundo Hislop, o culto das pedras extende-se por todo o paiz, desde Berar até a extremidade oriental de Bustar, e isto não só entre os indigenas que tinham começado por adorar Kandova, como tambem entre as tribus as mais grosseiras. O deus é representado por uma pedra informe pintada de vermelho. Duas grosseiras castas escravas de Tulava (India Meridional) os Bukadara e os Betadara, adoram uma divindade bemfazeja denominada *Buta*, representada por uma pedra que conservam em casa. Em todas as partes da India Meridional póde-se vêr, em quasi todos os campos, quatro ou cinco pedras dispostas em fileiras e pintadas de vermelho, que os indios consideram como guardas do campo e que chamam *Pandús*.

O fetichismo na Persia

A religião dominante na Persia, a de Zoroastro, nada mais é que uma mistura do fetichismo dos tempos antigos reunido ao culto do fogo com o theologismo reduzido ao dualismo do bem e do mal.

O fogo (calor e luz) é, incontestavelmente, de todos os agentes physicos o que mais facilmente se manifesta, impressionando fortemente dous dos nossos sentidos—o tacto (caloriçâo) e a vista; d'ahi o ser a criança, como o selvagem, adorador do fogo, com o qual brinca horas e horas até que um descuido venha queimar-lhe o dedo. A propriedade de transformar pela combustão todos ou quasi todos os corpos, de dar aos objectos fórma e côr, evitando a illusão proveniente das trevas, e finalmente o calor, fonte de vida tanto para o vegetal como para o animal, não podia

deixar de chamar a attenção dos homens primitivos; e é essa a causa de encontrarmos por toda a parte o fogo representando importante papel na infancia da religião.

A Persia primitiva, a Persia dos tempos patriarchaes, não conhece castas nem classe sacerdotal: o pontifice é o chefe de familia; o templo o lar domestico; e a divindade o fogo.

«Alta noute, quando dormem todos os innocentes, o fogo começa a empallidecer; então inquieta-se, acorda o dono da casa e diz-lhe: levanta-te, toma a tua roupa, lava as tuas mãos, e traz-me a lenha que me fará resplandecer, para que os máus não entrem aqui e não me apaguem.» (Michelet.)

Como o culto do fogo, o dualismo introduzido pela reforma, formou-se espontaneamente. A luta entre o bem e o mal não foi resultado de revelação, nem creação do genio de Zoroastro; senão a consequencia do meio em que se achava collocado o Persa. Vivendo em terreno extremamente arido, elle via-se na contingencia de crear, por assim dizer, a sua subsistencia, regando a terra, revolvendo-a incessantemente e estrumando-a; e no entanto a sua seara que tanto trabalho lhe tinha dado, filha legitima do seu suor, era ás vezes estragada pelos perfidos rebanhos de tribus errantes e pastoris: d'ahi uma theogonia toda contraria á do arya pastor: d'ahi o denominarem-se *Vi-Devas* (inimigos dos Devas) e fazerem de Indra Andra, espirito do mal.

Do Norte, diz Michelet, vem o medonho pastor tartaro, demonio centauro, cujo pequeno cavallo, de diabolico instincto, faz da lavoura pasto. E' o imperio maldito de *Touran*, eterno inimigo de *Iran* (a Persia).

Similhante ao morcego, elles vem á noute, estragam, destroem tudo e vão-se. Longos-seculos, milhares de annos, passados n'estas lutas crueis, deram ao povo por excellencia trabalhador e eminentemente positivo, uma estranha poesia. Elevou-se á concepção soberana da existencia de um combate constante entre dous mundos diversos: o santo reino de *Iran*, o mundo do bem, o jardim da arvore da vida, o paraiso emfim, e o errante mundo barbaro do mal e do capricho injusto.

Por toda a parte o Persa via contradicções. Entre os steppes selvagens onde sybilam os demonios do norte, e os desertos de arêa que queimam os demonios do sul, a Persia julgou-se, e com razão, a terra abençoada do trabalho, da ordem e da justiça. O trabalho purificou e santificou a Persia aos olhos da Humanidade.

A planta, o cavallo, a vacca, auxiliares indispensaveis para o homem, devem de ser respeitados, nos diz *Zend-Avesta*. Contra aquelle que é injusto para com esses servidores da Humanidade revoltam-se elles:

«Maldito sejas, diz a planta, tu que me negas o necessario á vida (a agua).»

«Não esperes que eu te ame, diz o cavallo, tu que não me dás alimento bastante para que eu tenha força, e appareça com honra na assembléa da tribu.»

«Amaldiçoado sejas, diz a vacca, tu que não me fazes feliz, que só procuras engordar-me para a tua mulher e o teu filho.»

Esse respeito, essa veneração por tudo quanto nos é util e necessario para a existencia e communhão social, independentemente da idéa preconcebida de um ou muitos seres creadores de

todas as cousas, e que nos impõe deveres a cumprir para com os fracos e os que nos são inferiores, é peculiar ao fetichismo. Verdade é que no estado positivo o mesmo deve acontecer, e debaixo d'este ponto de vista os dous extremos da evolução humana tocam-se : como, porém, ninguem poderá dizer que os Persas dos tempos patriarchaes eram positivistas, forçoso é confessar que elles eram fetichistas.

O fetichismo na Africa

Na Africa, patria do fetichismo, tudo é antigo e primitivo. Nada se tem descoberto que revele a existencia de uma civilisação anterior á que actualmente occupa o centro d'este vasto territorio; nem um indicio ha da edade do bronze ou da pedra (1): em compensação, porém, o fetichismo que ahi domina desde os tempos os mais remotos mostra claramente que elle é o unico ponto certo de partida da evolução do genero humano.

Tratando dos povos da Senegambia, Guiné e Sudan, Malte-Brun assim se exprime:

«Tudo o que impressiona fortemente a imaginação do negro torna-se para elle um feitiço, um idolo. Elle adora e consulta uma arvore, um

---

(1) Vid. nota A, no fim

rochedo, um ovo, uma espinha de peixe, um caroço de tamara, um chifre, um pedaço de páu. Povos ha que tem um grande feitiço nacional. No Onydah, uma certa serpente é considerada como o deus da guerra, do commercio, da agricultura, da fecundidade. Sustentada em uma especie de templo, ella é servida por uma ordem de sacerdotes: moças donzellas, que lhe são consagradas, prestam-lhe homenagem com danças lascivas. Cada rei que sóbe ao throno faz á serpente ricos presentes. No Benim, um lagarto é objecto de culto publico; em Dahomey, é um leopardo; nas visinhanças do Cabo Mesurado, as offertas são feitas a uma divindade mais bemfazeja — o sol. Alguns dão a seus feitiços uma figura que se approxima da do homem. Os negros admittem em geral dous principios, o do bem e o do mal. Em seus funeraes, que são acompanhados de gritos e de cantos, reina um uso supersticioso muito singular: os que conduzem o corpo perguntam ao morto si elle está envenenado ou encantado, e suppõem receber a resposta pelo movimento do caixão. Aquelle a quem o morto accusa é vendido como escravo. Os enterros dos principes occasionam scenas ainda mais dignas de lastima: o sangue de um grande numero de victimas humanas é derramado sobre o tumulo do rei. Este uso reina entre os Aminas, os Dahomeys, os Beninôas e os Ibos. Os Feloups só reconhecem um governo, o de seus feitiços »

Isto posto, qual será a causa d'esse derramamento de sangue humano sobre os tumulos dos reis?

Parece-nos que, fetichistas como são, esses africanos crêem que as victimas humanas sacrificadas acompanham o seu rei no novo estado em

que vae continuar a viver. Dizemos viver, porque não podemos comprehender que o fetichista creia na morte, elle que vê por toda a parte vida, mesmo nos seres inorganicos.

Passemos aos factos.

E' sabido que a grande quantidade de cêra exportada de Benguela e Loanda provém de corticos feitos com uma unica casca de arvore, de fórma cylindrica, os quaes são dependurados nas florestas, nos mais altos galhos, onde os seus donos tem sempre o cuidado de pôr um talisman ou um amuleto para preservar o mel e as abelhas de qualquer maleficio. Ha entre os Betejoanas um costume fetichista que consiste em adivinhar o futuro por meio de uma especie de dados pyramidaes feitos de unhas de antilopes.

Algumas tribus africanas possuem habeis feiticeiros, como nos mostra o seguinte facto :

«Os Atombalas pretendem saber resuscitar os mortos ; as suas feitiçarias exercidas n'um cadaver em presença dos missionarios foram taes que os missionarios julgaram vêr o morto mover-se e fallar.» (Malte-Brun.)

No paiz dos Londas cada aldèa tem seus idolos. Quando os encontro, diz Levingstone, estou certo de achar-me perto de uma choupana.

As figueiras selvagens (ficus indica ?) que os Londas da povoação do Chinté costumam plantar por entre as casas, para gozar da sombra, diz-nos ainda o mesmo doutor, são por elles veneradas.

Os Chiboques d'longa Banza recusaram receber, como direito de passagem *(Hongo)* um boi que lhes offerecera Levingstone, pelo simples facto de supporem que o animal tinha perdido a extremidade da cauda por estar encantado.

Assim, pois, apezar de todos os esforços em-

pregados pelos sectarios de Mahomet e de Jesus, a Africa é ainda hoje a terra predilecta do fetichismo.

Os missionarios catholicos e protestantes quasi nada tem conseguido d'esses homens que os não comprehendem nem são por elles comprehendidos.

E póde-se dizer que, não obstante as possessões européas, do continente africano, os aborigenes d'essa parte do mundo conservam-se estranhos á civilisação da Europa.

Os negros, como todos os verdadeiros fetichistas, riem se dos dogmas catholicos; zombam do culto; e continuam a venerar ora uma serpente, ora um sapo, ora uma penna, ora uma arvore, ora um pedaço de páu ou de ferro. Entretanto não são insensiveis ao que lhes fazemos de bem e de bom.

Elles ouvem o que dizem, e vêm o que fazem os monotheistas; mas, viram a cara para o lado, com a mesma indifferença com que a criança de peito ouve e vê o sacerdote celebrando a missa, que quando muito a distrahe com os seus trajes de côres vivas.

Um unico missionario, nos diz ainda Malte-Brun, conseguiu inspirar aos Betejoanas consideração e mesmo alguma affeição, por lhes ter feito conhecer o arado.

Esta consideração confirma o valor e a superioridade da synthese positiva sobre a theologica; e faz nos vêr que é só collocando-se debaixo do ponto de vista relativo e tratando do que é util e real (da sciencia e suas applicações) que os homens podem se entender.

«Os negros de Guiné castigam os feitiços, si os seus desejos não são attendidos; e os escon-

dem, si querem fazer alguma cousa má, de modo que os feitiços não possam vêr o que se passa. Adoram os peixes espada e bonito; e tal é a veneração por estes animaes que não procuram matal-os. Si por acaso apanham algum peixe espada, só o comem depois de ter tirado a espada, que seccam e guardam como feitiço.» (Astley.)

Speke conta que uma vez, na Africa Oriental, no momento de um eclypse parcial da lua, todos os *wanganas* começaram a andar em roda das cidades de Romanika e Nannagui, cantando e batendo sobre cassarollas, para impedir o sol de devorar de todo o seu astro predilecto—a lua.

Segundo Lander, em Bussa (Africa Central) explicam-se os eclypses pela hypothese de que o sol ataca a lua. Durante todo o tempo de um eclypse os indigenas fazem grande algazarra com a esperança de amedontrar o sol, obrigal-o a voltar ao seu logar e permittir assim a lua de continuar a allumiar o mundo.

Encontra se entre algumas tribus, diz ainda Lander, a convicção de que depois de mortos tornam-se brancos.

Na Africa Occidental interroga-se o futuro por meio de nozes, do modo seguinte: «Toma-se um punhado ao acaso e conta-se; a resposta varia conforme o numero é par ou impar.» (Astley.)

O chefe de uma das aldêas da Africa disse a Lander que quando soube que uma tropa de estrangeiros tinha desembarcado, suppondo serem inimigos que vinham atacal-os, mandou pôr em armas a sua gente; mas logo que soube que Lander e seus companheiros estavam desarmados e que eram brancos, ficaram tão aterrados que não puderam servir-se dos arcos; e que quando viu Lander estender-lhe a mão, sentiu desfallecer-se

e julgou vêr os filhos do céu que acabavam de cahir das nuvens.

Casalis affirma que os Bechuanas subdividem-se em tribus denominadas do lagarto, do peixe, do macaco, do bufalo, do elephante, do porco espinho, do leão, etc., e que ninguem ousaria comer da carne ou trazer sobre si a pelle do animal padroeiro da tribu a que pertence.

Lê-se na obra de Sir John Lubbock intitulada—*As origens da civilisação* :

«Smith em sua—*Viagem á costa de Guiné*—diz que os indigenas são todos pagãos e adoram serpentes inoffensivas. Guardam-n'as em casas de feitiçarias ou egrejas, construidas para esse fim em um bosque, e offerecem-lhes porcos, carneiros, gallinhas, cabritos, etc. ; si essas offertas não são devoradas pelas serpentes, póde-se estar certo que o são pelos padres. Desde a Liberia até Benguela, senão mais longe, a serpente é o deus principal e considerada como um ser bemfasejo. E' á serpente que dirigem-se os negros para fazer cessar as seccas, as doenças e outras calamidades. Negro algum seria capaz de fazer mal voluntariamente a uma serpente, e aquelle que o fizesse seria punido com a pena ultima.

Alguns marinheiros inglezes, tendo uma vez matado uma serpente que acharam em casa, os indigenas os atacaram com desmedido furor, mataram-n'os e queimaram a casa. Em todo o paiz encontram-se pequenas choupanas construidas para as serpentes, que são cuidadosamente tratadas e sustentadas pelas velhas. Consultam-se muitas vezes essas serpentes como oraculos. Além d'essas pequenas choupanas, ha tambem templos que, a julgar pelo que dizem os negros, são magnificos ; contém largos, pateos, quartos

espaçosos e numerosos criados. Cada um d'esses templos possue uma serpente especial. Conta-se que a de Whydah apparecera ao exercito durante a marcha para Ardra.

Essa apparição foi considerada como um presagio da victoria, e os soldados animados fizeram grandes proezas. Motivo por que essa serpente é mais venerada que todas as outras, e annualmente vão os negros em peregrinação ao templo, onde tem logar grandes ceremonias. Todas as moças doentes são levadas á casa da serpente, para tratal-as ; e por esse serviço que nos parece suspeito de immoralidade, os padres pedem grandes pagas aos parentes.

Na Costa de Guiné, diz Bosman, quasi todos os negros acreditam que o homem é filho de *Anansia* (uma grande aranha).

Lichtenstein, em suas *Viagens*, diz que o rei dos Cafres *Koussas*, tendo quebrado um pedaço de ancora que encontrára, morreu pouco tempo depois ; e que desde então todos os cafres, pensando que a ancora estava viva, saudavam-n'a respeitosamente quando por ella passavam.

Os pretos da Costa de Guiné adoram o mar, affirmam os viajantes que ahi tem estado. Elles consideram os brancos os deuses do mar, accrescenta Astley ; pensam que o mastro é uma divindade que faz andar o navio, e a bomba que faz subir a agua, que tem a propriedade de descer, parece-lhes um milagre.

Alguns pretos comem os seus feitiços, com o fim de assimilar-se mais facilmente do seu proprio deus. E' assim que, quando se quer saber si um negro diz ou não a verdade, Loyer aconselha que se misture alguma cousa com um pouco d'agua, depois colloque-se dentro um pedaço de

pão, e lhe ordene que coma ou beba esse feitiço, como prova de que o que diz é verdade. Si o que elle diz é verdade, immediatamente come ou bebe; sinão, elle recusa tocar com medo de ser punido incontinenti pelo feitiço, com a morte.

Paremos aqui; que seria um nunca acabar o enumerar todos os casos de fetichismo observados pelos viajantes e exploradores do continente africano. O que fica dito é mais que sufficiente para mostrar que os incolos d'Africa são mais ou menos fetichistas.

O fetichismo na Europa

Antes de ser polytheista, muito antes da colonisação egypcia, a Grecia foi fetichista, como nol-o faz vêr o culto prestado á Ceres primitiva.

Ceres, o grande feitiço dos Pelasgios, é a representação da terra, nossa mãe commum.

«A infancia quer um berço macio. Nada provém da guerra. A paz e a cultura, a familia agricola, eis o que é fecundo. Tudo nasce da terra e da mulher. Assim nasceu e creou-se a Grecia aos peitos de Ceres, divindade antiga que apparece pouco nos poetas, muito na tradicção, e que foi a vida do povo.

«Ceres em sua origem não é outra cousa mais que a terra—Terra-Mater—*De-Meter*, a boa ama de leite, tão naturalmente adorada pela Humanidade agradecida.

«Antes de edificarem-se templos, nas grutas

que os suppriam, os Pelasgios, primeiros habitantes da Grecia, prestavam culto a *De-Meter.*» (Michelet—*Biblia da Humanidade.)*

Durante muito tempo, depois que os deuses invadiram a Grecia, este culto manteve-se ainda na antiga Arcadia, que, cercada de montanhas e mattas virgens, conservava intacto o sagrado symbolo da religião primitiva.

«Havia na Arcadia, diz Pausanias, um simulacro informe, onde a audacia do genio barbaro tinha emprehendido pela primeira vez exprimir a personalidade complexa da terra. Negra como o humus, tendo comsigo todos os animaes selvagens, trazia em uma mão a pomba e n'outra o delphim, como representantes d'agua e do ar. Rematava a obra d'arte a cabeça de um dos mais nobres animaes que ella produz—o cavallo.»

A guerra entre os deuses e os titans, de que falla a mythologia, symbolisa a luta gigantesca que os antochthones, fetichistas, sustentaram contra os invasores polytheistas.

A ultima phase do fetichismo é a astrolatria; ha entretanto um termo médio entre os feitiços terrestres propriamente ditos e os celestes, entre os fetichistas nomadas e os sedentarios: é a época em que reinam os feitiços metereologicos. *Zeus* é o representante mais genuino d'essa phase média, que chamaremos meteorolatria: elle é, no dizer dos poetas, o pae dos homens e dos deuses: é, em sua origem, o ether luminoso que sustenta todos os seres, fecunda a terra, e toma mil fórmas para reproduzir a vida. *Zeus* e *Ceres*, o pae e a mãe de tudo, o macho e a femea, de cuja união nascem os seres, são verdades concretas que representam a terra e a athmosphera, dous grandes feitiços.

Muita poesia e pouca sciencia é o que se encontra em toda a parte no começo da civilisação: e é este o maior inconveniente da synthese inicial, como claramente fez vêr Augusto Comte em sua *Politica Positiva*.

«As brigas domesticas de *Zeus* e *Heres* representam as agitações da athmosphera: e o mytho da cabeça de ouro, na Iliada, é claro demais para ter escapado á hermeneutica antiga. Cornuto, Denys d'Halicarnasso, Heraclito e os scholares de Homero, são todos do mesmo parecer.» (Louis Menard—*A moral antes dos philosophos*)

Os antigos Celtas adoravam as arvores. Brosse pretende que a palavra *church* (egreja) é uma corruptila de *Kirch*, que vem de *quercus* (carvalho), arvore sagrada entre os Celtas.

O mesmo autor assegura que os Laponios tambem adoravam as arvores.

A historia antiga apresenta copiosos dados relativos ao culto dos lagos, dos rios, e das fontes na Europa. Ainda hoje se póde vêr ahi esse culto fetichista.

Lembro-me ter visto, diz Lubbock, o poço sagrado de uma das ilhas do Loch-Maru (Escossia) cercado de offertas dos camponezes, consistindo principalmente em moedas de cobre e em trapos.

Na Europa Occidental, durante a edade média, foi muitas vezes condemnado o culto das pedras, o que prova que ainda n'essa época era elle vulgar. Theodorico, arcebispo de Cantorbury, condemnou o culto das pedras, no setimo seculo; o mesmo culto acha-se nos actos do paganismo prohibido pelo rei Edgar, no decimo seculo, e por Canuto no undecimo. Um concilio que teve logar em Tours, em 567, ordenou aos padres que

recusassem entrada nas egrejas a todas as pessoas que adorassem as pedras, e Mahé diz que os registros das sessões de um concilio que teve logar em Nantes, no ultimo seculo, fallam do culto das pedras entre os Armoricanos.» (Lubbock.)

SEGUNDA PHASE

O fetichismo systematisado

Muito pouco conhecido é geralmente o Celeste Imperio, apezar da sua longa existencia e enorme população; e isso por dous motivos: primeiro, pelo modo absoluto por que encara a Europa todas ou quasi todas as questões, o que é devido á synthese theologica que a tem dirigido ha quasi dous mil annos; segundo, pelo espirito mercantil que tem presidido ás relações do Occidente com o Oriente e infame exploração empregada pelos governos europeus na Asia Meridional.

O modo por que a Europa christã sóe tratar os povos fetichistas não é por certo o mais apro-

priado para captar a sua amisade; e a força ou a conquista, como já dissemos, só aproveita quando empregada por um povo mais atrazado contra um outro mais adiantado.

Não será certamente pela força, e sim pelo amor; não será pela imposição, senão pela persuasão que a Europa conseguirá modificar a China. E ainda assim será preciso que o europeu ponha-se no estado relativo em que se acha o chim para que possa persuadil-o; o que por certo não conseguirá emquanto fôr guiado por uma synthese absoluta como é a theologia.

Bem sei que mais de uma vez eloquentes vozes tentaram chamar esse povo para o gremio da egreja catholica; bem sei que veneraveis sacerdotes dedicaram-se de corpo e alma a essa missão e que quasi nada conseguiram; mas isso não prova que se deva dar de mão aos meios brandos e recorrer ás armas, já tantas vezes empregadas infructiferamente.

O máu resultado obtido pelos missionarios, na China, é unicamente devido á natureza da synthese européa, a qual, sendo absoluta como é, torna-se incompativel com a civilisação do Celeste Imperio, e direi mesmo, incomprehensivel para os chins: e não á falta de habilidade, dedicação e moralidade dos missionarios.

Não devemos attribuir aos homens, e sim á incompatibilidade das duas syntheses, o máu exito das tentativas até hoje feitas com o fim de transformar o fetichista em monotheista.

Tanto isso é assim, que quando os missionarios jesuitas, collocando-se no estado relativo, apresentaram-se na China, não como theologos, mas como homens de sciencia que eram, conse-

guiram tudo quanto queriam, como se verá pela seguinte transcripção :

«No tempo em que floresciam os estabelecimentos portuguezes da India, um serviço que os portuguezes prestaram aos chins destruindo os piratas, determinou o imperador a conceder-lhes o territorio de Macáu, á entrada do rio de Cantão (1537). Foi tambem em Cantão que concentraram-se as relações commerciaes dos europeus com a China.

«Os missionarios catholicos tomaram então a si a obra da propagação da fé christã n'esse vasto imperio, onde os antigos traços do christianismo tinham completamente desapparecido, e graças á tolerancia dos Ming, a missão fundada, no fim do XVI seculo, pelo padre Ricci, fez rapidos progressos. O bom exito foi ainda muito maior quando a Academia de Sciencias de Paris provocou a ida á China de dez missionarios jesuitas encarregados ao mesmo tempo de apresentar observações geographicas sobre esse paiz (1685). Os padres jesuitas foram perfeitamente bem recebidos pelo imperador Kang hi, que comprehendeu as vantagens que o imperio do meio podia tirar da sciencia européa. Para lhe agradar, os jesuitas fizeram se astronomos, mathematicos, engenheiros e medicos ; levantaram a carta do imperio ; endireitaram o calendario da China ; fundiram peças para o imperador. Ao mesmo tempo fizeram a Europa conhecer a China, traduziram os seus livros sagrados, os seus livros classicos e os seus historiadores ; e por certo que os padres Gaubil, Primare, Visdelon, du Maillá e mais tarde Amiot, merecem ser citados entre os eruditos que mais serviços prestaram ás sciencias historicas. Investidos das mais altas funcções publicas,

os missionarios não deixaram de exercer a sua influencia em proveito da religião christã, e viu-se então formarem-se por toda a parte florescentes nucleos de christãos.

«Mas, para activar a sua propaganda, os padres jesuitas prestaram se a arranjos inconciliaveis com o espirito do christianismo, sobretudo tolerando o culto dos antepassados, uma das bases do estado politico da China. Elles não comprehenderam que entre as instituições patriarchaes d'esse imperio e as doutrinas christãs havia um abysmo, e que a moral do Evangelho não poderia regenerar os chins senão com a condição de desenraizar ao mesmo tempo suas superstições religiosas e seus principios sociaes.

Os dominicanos enviados para ajudar os jesuitas em sua obra perceberam que estes ultimos andavam mal. Levantaram-se discussões, e a côrte de Roma deu razão aos dominicanos. O imperador Kang-hi, irritado por essas discussões retirou o seu favor aos missionarios. O seu successor Young-Tching, zeloso budhista, perseguiu os christãos Os missionarios foram expulsos, as egrejas destruidas, e só um pequeno numero de chins conservou a nova crença.» (A. Ott—*A India e a China*)

Um homem respeitavel pelo seu saber e virtudes, Pierre Laffitte, a proposito dos jesuitas na China, assim se exprime:

«Essa grande missão foi a unica tentativa honrosa e séria feita com o fim de modificar a civilisação chineza. Debaixo do ponto de vista mental, o Occidente ultrapassará certamente uma tal missão, apoiando-se n'uma doutrina relativa e mais real; nunca, porém, ouso dizel-o, excederá em dedicação, probidade e extricta modestia

a esses religiosos. Era um dever de reconhecimento dar testemunho tão merecido de respeito a essa nobre missão, verdadeiro titulo de gloria da celebre companhia que a instituiu.» (P. Laffitte—*Considerações geraes sobre o complexo da civilisação chineza.*)

Tão estranha aos nossos costumes é essa civilisação que alguns escriptores, aliás de nomeada, a designam pelo appellido de mundo excentrico, como si ella não se achasse incluida dentro da grande lei de evolução social.

A diversidade de crença, e portanto de sentimento, pensamentos e actos é tal entre a China fetichista e a Europa christã, que ellas não se entendem

A Africa, dissemos, é a terra predilecta do fetichismo: isso é exacto para a primeira phase da synthese inicial: mas a China é incontestavelmente o unico paiz onde o fetichismo foi mais completamente systematisado, graças a Confucius.

«A civilisação chineza, diz Laffitte, tem por base mental o fetichismo systematisado pela adoração do céu, cuja vontade preponderante e regular governa todas as outras existencias.»

Como já dissemos, a meteorolatria é um termo-médio entre o fetichismo espontaneo e a astrolatria. O céu—*Zeus* dos antigos gregos—é o mesmo céu da China, inteiramente diverso do céu dos catholicos.

Os philosophos chinezes designam o céu propriamente dito pela palavra *thian*; entretanto que chamam ao deus dos christãos *Thian-tchu* (senhor do céu): logo a concepção christã differe da chineza em admittir, afóra o céu, um ser distincto que o governa.

O céu tem para o chim accepção identica á que damos á palavra terra : esta ultima abrange as montanhas, os rios, os lagos, o mar, as arvores, os peixes e os outros animaes ; o céu é para elle o conjuncto das estrellas, dos planetas, do sol e da lua.

O imperador é filho do sol e primo da lua ; e como tal, responsavel por todos os phenomenos meteorologicos que possam influir sobre a terra. E' por isso que os eclipses, as tempestades, os furacões, as seccas, as enchentes, são para os chins indicios certos de erros commettidos pelo governo.

O imperador do Celeste Imperio não é portanto irresponsavel ; e o direito divino das dynastias européas em nada é superior á instituição chineza. Elle é o pae e a mãe de seus subditos, que são tidos como formando uma grande familia. A familia é ahi a base social ; o governo é patriarchal, como sóe ser o governo dos povos que se acham na ultima phase do fetichismo ; e a familia continúa além tumulo com o culto dos mortos considerados influindo no governo dos vivos. Ainda hoje na China o governo é conhecido pelo das *cem familias*.

«Os antepassados são objecto de um culto especial. Muitas salas no palacio imperial, um reducto na menor choupana são destinados aos antepassados. Depositam se ahi taboletas com os seus nomes gravados, e todos os dias vem os vivos prestar homenagem aos mortos. Em certas e determinadas circumstancias fazem-lhes grandes sacrificios, e n'essa occasião o antepassado é representado por uma pessoa viva. A familia reune-se tambem nos jantares cerimoniosos dados em honra dos antepassados e offerecem-lhe alimen-

tos. Os funeraes são tambem objecto de innumeras e minuciosas prescripções.» (A. Ott—*A India e a China.*)

Não é só o céu e os mortos que são adorados na China, o sol, a lua, as estrellas, os cinco planetas antigamente conhecidos, as montanhas, os rios, os lagos, a terra emfim o são tambem.

O culto aos antepassados (manes?) é particular; ha, porém, um grande homem, philosopho moralista e legislador celebre—Confucius — que tem um culto publico e diversos templos.

Não é nosso intento escrever a historia d'esse interessante povo; senão mostrar que o fetichismo foi enthronisado no grande imperio e é ainda hoje a religião official (não obstante existir tambem ahi, desde tempos immemoriaes, a liberdade religiosa).

Para o monotheista talvez pareça de difficil comprehensão a existencia de uma religião official ao lado da tolerancia religiosa; isso, porém, nada tem de extraordinario, visto a natureza da synthese fetichista que nada tem de absoluto.

A seguinte proclamação do imperador Ven-ti é bem explicita para que se possa pôr em duvida que a religião do Estado seja fetichista:

«Eu sempre ouvi dizer que o céu dá chefes aos povos para sustental-os e governal-os.

«Quando esses chefes, senhores dos outros homens, não tem virtudes e governa mal, o céu, para fazel-os cumprir o dever, envia calamidades e ameaças. Houve, por occasião da undecima lua, um eclipse do sol; e que advertencia não é elle para mim! Em cima os astros perdem o seu brilho; em baixo os nossos subditos estão na miseria. Em tudo isso vejo o pouco de virtude que possuo. Logo que esta declaração fôr pu-

blicada, examine se em todo o imperio, com toda a attenção possivel, quaes são as minhas faltas, afim de m'as fazer saber. Procurem-se, e sejam-me apresentadas, para preencher essas funcções aquellas pessoas que tiverem mais luzes, rectidão e firmeza ; por minha parte, recommendo a todos os empregados publicos que appliquem-se mais que nunca em bem preencher os seus deveres, e sobretudo em supprimir em proveito do povo, toda a despeza inutil.» (Lafitte—Obra já citada.)

O que é muito digno de nota n'essa civilisação é o mysticismo a que conduziu a observação concreta dos objectos, sobretudo das plantas, entre a classe instruida ; e o resultado moral d'essa cultura especial do sentimento. Poucas pessoas fazem idéa d'essa fonte de poesia, inteiramente nova para nós outros monotheistas.

E' o caso de dizer-se com Camões :

Melhor é experimental-o que julgal-o,
Mas julgue-o quem não póde experimental-o.

«Nós amamos as flôres, diz M. d'Hervey-Saint Denys, os chins apaixonam-se por ellas. O que nos agrada n'um jardim é a variedade que offerece á vista a multiplicidade de côres, a belleza ou a diversidade das especies ; para os chins, porém, cada planta é objecto de um verdadeiro culto, de uma especie de amor mystico, que inspira por si só uma grande parte de suas poesias ; nos romances, na historia e até na vida privada, acham-se exemplos d'esse amor singelo e ao mesmo tempo apaixonado. Magistrados respeitaveis convidam-se uns aos outros para virem admirar

as suas flôres. Os monumentos da litteratura chineza fazem menção de uma sorte de extase que os nossos costumes não nos permittem comprehender, e que consiste em embriagar-se com a vista das plantas, procurando apanhar, por meio de uma attenção continua, os progressos dos desenvolvimentos das arvores. «As duas primas» *(in-kian-li)*, romance chinez de costumes, que foi traduzido por Abel Remusat, mostra claramente esse amor pela natureza, esse platonismo especial, todo fetichista; e o que mais é, a enorme influencia que tem exercido sobre a cultura dos sentimentos sympathicos no grande imperio do Oriente.

«Esse amor ás plantas, resultado da contemplação concreta, fez da China uma nação por excellencia agricola. A cultura do solo ahi é, mais que em parte alguma, considerada um dever sagrado.

«Todos os annos, no principio de Março, o imperador faz a ceremonia da abertura das terras. Transporta-se com grande pompa ao campo destinado á ceremonia. Os principes da familia imperial, os presidentes dos cinco grandes tribunaes e um numero infinito de mandarins o acompanham: dous lados do campo são occupados pelos officiaes e a casa do imperador, o terceiro o é por diversos mandarins e o quarto é reservado a todos os lavradores da Provincia. O imperador entra só no campo, prostra-se e apoia nove vezes a cabeça contra a terra para adorar o *Thian*: pronuncia em alta voz uma supplica feita pelo tribunal dos ritos, supplica pela qual elle invoca a bençam do Grande Ser sobre o seu trabalho e o do seu povo. Depois, na qualidade de primeiro pontifice do imperio, immola um boi,

que offerece ao céu, como senhor de todas as riquezas. Na occasião em que tem de ser a victima sacrificada sobre o altar, traz se ao imperador um arado com uma junta de bois magnificamente arreiados. O principe despe então as vestes imperiaes, apodera-se da relha do arado, e abre muitos sulcos em toda a extensão do campo; depois entrega a charrua nas mãos dos principaes mandarins, que lavram successivamente rivalisando em destreza. A ceremonia termina-se por uma distribuição de dinheiro e de peças de panno que são dadas aos lavradores presentes; os mais habeis d'entre elles executam o resto do lavramento em presença do imperador. Emfim a abertura da semeadura faz-se com o mesmo apparato.» (Malte-Brun—*Geographia Universal.)*

Agora uma pergunta:

Qual é a causa do pouco adiantamento que tem tido a sciencia propriamente dita, e as artes mecanicas na China?

A resposta é facil: o estado concreto inherente ao fetichismo impede á abstracção de desenvolver-se e á sciencia de formar-se.

«O fetichismo, reduzido á observação dos seres, nos diz Laffitte, comporta poucas divagações. D'onde podem provir as divagações do espirito humano? Da instituição da abstracção ou da consideração dos phenomenos independentemente dos corpos que os manifestam. D'ahi a possibilidade de conceber o phenomeno debaixo de uma infinidade de condições differentes das que na realidade tem logar. Assim é que, si estuda-se o phenomeno da locomoção em si independentemente da apreciação dos seres em movimento, chega-se a imaginar a locomoção em uma infinidade de casos que a observação con-

creta nunca fez conhecer ; chega-se a conceber a locomoção n'agua, no ar, para todos os seres quaesquer que sejam ; chega-se a concebel-a independente do tempo, isto é, com uma velocidade infinita. Em uma palavra, o estudo abstracto dos phenomenos permitte a concepção de uma infinidade de casos possiveis ao passo que a observação concreta só faz conhecer os casos reaes.

«A instituição da abstracção, devida ao polytheismo, estabelece para a intelligencia uma situação activa mais instavel, é constantemente exposta a profundas divagações. O fetichismo, pelo contrario, só considerando os casos reaes e não os casos possiveis que a abstracção permitte imaginar, offerece um estado mental menos activo sem duvida alguma, mas de uma grande consistencia e de uma perfeita rectidão.» (P. Laffitte —*Considerações geraes sobre o complexo da civilisação chineza.)*

Repetimos, não fazemos a historia da China ; apresentamos apontamentos concludentes de que a religião official do grande imperio do Oriente é o fetichismo systematisado no culto do céu—*Zeus* —que é considerado como um grande feitiço e no da terra.

Considerações geraes sobre a evolução social durante a phase fetichista

Do mesmo modo que no animal, na infancia da Humanidade, a conservação do individuo e da especie devia ter sido o movel das suas acções.

Bem que egoistas, o cego instincto de nutrição e o de reproducção tendem a estabelecer os primeiros laços sociaes; visto a impossibilidade para o homem de lutar só contra os agentes do mundo externo, impossibilidade devida á sua fraqueza physica.

Assim, a familia devia de ter-se formado nos primeiros instantes do apparecimento do homem na superficie da terra; que é ella o elemento social, e não o individuo como querem os metaphysicos. Nunca se encontrou o homem vivendo isolado em parte alguma do mundo. Desde o estrei-

to de Magalhães até o de Behring, desde o cabo da Boa Esperança até Spitzbergen, o selvagem foi sempre encontrado vivendo em familia. Portanto, devemos considerar o individuo como simples abstracção, necessaria é verdade para facilitar o estudo das sciencias sociaes, do mesmo modo que a inercia da materia o é para facilitar o estudo da mecanica.

Tanto isso é verdade, que o primeiro governo regular que a historia nos apresenta é o governo patriarchal, que tem por base a familia.

Da relação dos homens entre si e da constituição da familia provém: a linguagem fallada, cujo primeiro termo é a mimica; o amor maternal; o amor filial; a submissão dos inferiores aos superiores, base de todo o aperfeiçoamento; e em geral o reconhecimento dos beneficios recebidos.

A familia, pois, que teve por origem o egoismo, por força da nossa organisação, tende a desenvolver o altruismo.

O desenvolvimento e a reunião das familias produziram as tribus.

N'esse estado, o circulo das necessidades, bem que imperiosas, é muito limitado: as sciencias e as artes acham-se confundidas e em embryão; não ha distincção entre sciencia e arte: d'onde a fusão dos seus orgams respectivos.

Assim n'essa época, quando nem uma sciencia tinha se formado, cada homem deveria exercer indifferentemente todas as artes e todas as sciencias.

E' este o estado dos povos selvagens, que se acham na primeira phase do fetichismo, como acabamos de vêr.

Não ha ainda distincção entre concreto e

abstracto, entre vida e morte, entre corpo e alma: todos os corpos são considerados dotados dos mesmos sentimentos que nós.

Vivendo de caça, pesca e fructas, conforme habitavam os continentes ou as ilhas e os litoraes, os homens não tinham tempo para entregar-se ao estudo da natureza. Os seus conhecimentos limitavam-se á construcção de arcos, flechas, redes e outros utensilios necessarios e de accôrdo com a vida nomada que levavam.

Si o clima era quente, elles andavam nús ou quasi nús, e redes de cipós serviam-lhes de casa e cama; no caso contrario cubriam-se com pelles de animaes para protegerem-se contra o rigor do frio.

Como as crianças, eram imprevidentes; só tratavam do dia de hoje, sem se importarem com o de amanhã: derrubavam a arvore, para comer o fructo, quebravam as vasilhas que lhes tinham servido para comer ou beber.

Com o fim de afugentar os insectos e até mesmo os reptis, que tanto lhes deviam encommodar, foram obrigados a pintarem-se com diversas substancias vegetaes, cujas propriedades elementares a experiencia tinha-lhes feito conhecer; e bem assim a servirem-se do fogo durante a noute.

O fogo foi, n'essa época, uma das mais benevolas descobertas feitas por esses homens simples, e podemos dizer ignorantes. Elles o obtiveram, provavelmente, pelo attrito ou pelo choque —friccionando um páu n'outro, ou batendo uma pedra silicosa n'uma outra da mesma natureza.

Ainda hoje póde-se verificar a importancia d'esse companheiro fiel dos homens nas selvas: é sabido que os nossos sertanejos, quando tem

de pernoitar nas mattas virgens, vêm se obrigados a rodear-se de fogueiras para afugentar as onças e as cobras, e não serem molestados pelos mosquitos. Mesmo os nossos caçadores, quando perdem-se nas florestas e tem de passar ahi a noute, não prescindem do benevolo fogo.

Um outro companheiro inseparavel do selvagem, e quiçá o seu melhor amigo, que, caçando, ajuda o a ganhar o pão, é o cachorro. Muito cedo devia o homem ter feito alliança offensiva defensiva com o cão, aproveitando-se das nobres qualidades de que é por natureza dotado este animal.

O fogo e o cão foram incontestavelmente as duas primeiras acquisições mais importantes feitas pelo homem.

Si a descoberta do fogo denota um grande genio, e é por si só sufficiente para dar ao homem superioridade sobre todos os outros animaes; a domesticação do cão prova com evidencia que o que somos devemos mais ao amor que á força bruta.

É' um engano pensar-se que o homem submette e governa os animaes ditos irracionaes, servindo-se da força e da razão; o que lhe dá vantagem n'este ponto sobre todos os seres conhecidos é mais o coração que a cabeça e os braços, é mais o sentimento que a razão.

Em verdade, como explicar d'outro modo a alliança entre o homem e os animaes hoje domesticados, consegu da pelos fetichistas, e a difficuldade que temos em domesticar os que se acham ainda no estado selvagem, quando é certo que a razão achava-se muito menos desenvolvida n'aquella phase de evolução que n'uma outra qualquer?

O estado errante do selvagem não impedia que elles demorassem-se mais em certos logares, onde a vida material lhes parecia mais facil: d'ahi a propriedade collectiva, estado de transição entre o communismo e a propriedade individual.

Uma das causas primordiaes das guerras entre os europeus e os antochthones do continente americano é a diversidade do modo de pensar dos dous povos no tocante á idéa de direito de propriedade territorial. O indio não póde comprehender que a terra tenha outro dono que não seja a tribu que a occupa.

A differença de costumes posto que pequena, das diversas tribus, e a invasão por uma tribu do territorio occupado momentaneamente por outra, deram origem á guerra.

A idéa fetichista do homem adquirir as propriedades do animal com que se sustenta, de assimilar-se do forte—comendo-o, a difficuldade de conservar os prisioneiros, o grande desenvolvimento que devia tomar o instincto de destruição ou militar pelo habito da guerra visto a lei physiologica do desenvolvimento do orgam pelo exercicio, o odio que d'ahi devia resultar entre duas tribus visinhas, e emfim a alimentação carnivora, conduziram as tribus as mais guerreiras, e por conseguinte as mais ferozes, á anthropophagia.

A impossibilidade de sahir impunemente de uma certa zona e de invadir o territorio occupado por uma outra tribu, tornando-os menos vagabundos deu origem ás tabas.

D'essa passagem do estado errante ou nomada ao estado sedentario provém: o apêgo ao solo que lhes fornecia o necessario á vida; a construc-

ção de cabanas ; e finalmente a cultura de algumas plantas, e mesmo a criação dos animaes os mais doceis, resultado do esgotamento do solo.

Assim, a guerra, que nasceu com o estado nomada, fez apparecer o estado sedentario e iniciou a vida agricola e pastoril.

Então uma mesma porção de territorio pôde conter e sustentar uma maior quantidade de homens.

Essa revolução porque passaram os povos primitivos é importantissima debaixo do ponto de vista social ; mostrando que a producção da terra augmenta extraordinariamente com a industria de modo a ficar muito acima do augmento da reproducção da especie, é por si só um desmentido formal á pretendida lei de Malthus. (1)

A fraqueza das mulheres, dos velhos e dos meninos, deixava aos homens os mais robustos os cuidados da guerra e das caçadas longiquas. A educação dos filhos, a construcção das redes, dos arcos e outros utensilios com que a vida activa dos moços não permittia occuparem-se, deviam pertencer aos velhos e ás mulheres.

Aquelles eram, além d'isso, chamados para dirigir com seus conselhos a mocidade inexperiente : primeira origem do governo espiritual. A necessidade de concentrar toda a força na mão de um só homem, nas circumstancias difficeis, afim de que haja unidade de acção, deu origem ao chefe : d'onde, o primeiro exemplo de centralisação.

Como resultado da impossibilidade para o homem de viver entre a fadiga, proveniente de uma actividade excessiva, e o torpôr, consequen-

---

(1) Veja a nota B, no fim.

cia da ociosidade, apparece a instituição da festa publica, consistindo em danças, musicas e bebidas alcoolicas.

Os movimentos compassados não fatigando, e sendo faceis de perceber-se, agradam-nos; por isso que é um termo médio entre o trabalho excessivo e o somno: ora, a dança, a musica e a poesia, achando-se n'este caso, deviam impreterivelmente ter apparecido nas festas publicas.

Quanto ás bebidas alcoolicas, do mesmo modo que o tabaco, a sua adopção provém do prazer que resulta do entorpecimento de nossas funcções cerebraes quando estamos aborrecidos.

N'essas festas, que deveriam ter por fim a commemoração de algum facto importante, como, por exemplo, um casamento ou uma guerra, o amor maternal, filial e conjugal, a veneração devida aos velhos, mentores da mocidade, e sobretudo os feitos dos guerreiros os mais corajosos da tribu, eram incontestavelmente os assumptos da poesia.

A' noute, assentados em roda do fogo ou deitados em suas redes, os selvagens contam uns aos outros os acontecimentos do dia; e o que deu mais provas de destreza ou agilidade recebe os applausos da multidão. A sagacidade do chefe, a força e a coragem do guerreiro mais intrepido, são os assumptos predilectos de suas palestras. Si os acontecimentos recentes nada tem de notaveis, trata-se então da expedição de algum chefe celebre ha pouco morto ou do fundador legendario da tribu; outras vezes entregam-se a uma dança que representa de um modo dramatico as victorias celebradas nos cantos. Esses cantos, referindo-se á posteridade e á existencia da tribu, apresentam o mais vivo interesse: d'on-

de a origem da historia, da sciencia, da poesia, do drama, da biographia e da litteratura.

* * *

Mais tarde os homens tendo aprendido a domesticar os animaes que lhes serviam de alimento e a cultivar a terra, abandonam de todo a caçada e a pesca; tornam-se sedentarios; adquirem riquezas e uma nova era abre-se ao seu bem estar.

As cabanas são aperfeiçoadas; as tabas transformam-se em cidades; os rebanhos e as terras dividem se e dão origem á propriedade e á herança até então limitadas aos arcos, flechas e outros objectos portateis.

O barro, a pedra, o páu, o osso, as espinhas dos peixes e as conchas, com que faziam os instrumentos de que se serviam nas guerras, nas caçadas e em outros misteres, são substituidas, em parte, pelo bronze e pelo ferro.

A construcção das redes tendo-lhes, por fim, ensinado a fiar e a tecer, as pelles e as pennas, que lhes serviam de vestimenta e de ornato, são substituidas por tecidos.

A sciencia dos numeros, cujos elementos deviam de ter já apparecido, desenvolve-se com a necessidade da permuta dos generos—origem do commercio.

Da divisão das terras nascem as primeiras noções ácerca da agrimensura: d'onde a geometria.

A transmissão das idéas com tanto custo adquiridas, que na primeira phase do fetichismo se

fazia oralmente por lendas contadas pelos velhos nos longos saráus do inverno, torna-se mais facil com a escripturação hyeroglifica.

N'esse estado já avançado de civilisação, os costumes adoçam se ; as artes e as sciencias, ainda em botão, começam a desabrochar ; e um systema de governo mais estavel succede ao primeiro. O estado aggressivo é substituido pelo estado defensivo ; a força deixa de ser empregada como meio de invasão consequencia do desenvolvimento da industria e da propriedade. Os prisioneiros de guerra são aproveitados para a cultura do solo ; de sorte que a antropophagia é substituida pela escravidão. O amor do solo augmenta-se ; e ao bairrismo succede o patriotismo.

Formam-se, então, duas classes : a dos homens livres, destinada sobretudo a defender a patria das aggressões estrangeiras; e a dos escravos ou servos, destinada a cultivar a terra e sustentar com o suor do seu rosto o cidadão, prompto—sempre que necessario fôr—a derramar o seu sangue pela integridade do solo.

* * *

A agricultura e o commercio, o trabalho e a economia, e quiçá os impostos de guerra, tinham accumulado grandes capitaes em poucas mãos, que eram transmittidos de paes a filhos pela herança.

Certos homens, a quem seus antepassados tinham deixado uma tal ou qual fortuna que os punha ao abrigo das primeiras necessidades, entregam-se, provavelmente como distração, á con-

templação concreta, depois á contemplação abstracta, e por fim á meditação.

D'esse trabalho intellectual resultou o conhecimento das leis as mais geraes.

N'esse estado, em que a vida vegetativa acha-se segura, a successão do dia á noute, ligada ao apparecimento e desapparecimento successivo do sol e da lua, as chuvas, as seccas, as tempestades, em uma palavra, toda a pleiade dos phenomenos meteorologicos, ensinando-lhes que a nossa vida depende do nosso systema planetario, deviam chamar-lhes a attenção para a contemplação da aboboda celeste: d'ahi as primeiras noções da marcha dos astros e de sua influencia sobre o homem.

Não podendo, a principio, perceber as leis que os regem, por um impulso instinctivo emprestam-lhes os seus sentimentos; de sorte que aos feitiços terrestres vêm reunirem-se os celestes, que mais geraes que os primeiros, pois que a sua influencia exerce-se sobre todo o systema planetario, dev am dominal os: d'onde a astrolatria.

Aqui termina o fetichismo, e começa o polytheismo.

Passagem do fetichismo ao polytheismo

Pedimos permissão ao leitor, para dizer alguma cousa a respeito da astrolatria e da instituição dos governos theocraticos.

A astrolatria é o ultimo estado do fetichismo e a transicção para o polytheismo.

A enorme distancia que separa os astros, impedindo aos homens de porem-se em contacto com elles, levou-os insensivelmente á formação de uma classe especial, que dedicando se quasi que exclusivamente á observação d'esses grandes feitiços, pudesse servir de intermediario entre os homens e os astros ; e a contemplação abstracta, junta á meditação d'esses interpretes, não achando-se baseada em dados positivos, os conduziu a abstracções infundadas.

Comquanto o fetichismo seja por natureza concreto, todavia a abstracção tinha já começa-

do a mostrar-se com a observação dos phenomenos os mais simples e os mais geraes durante essa civilisação, sobretudo na ultima phase, a astrolatria.

As idéas elementares sobre os numeros e a extensão, bem como a linguagem hyeroglifica, que vimos apparecer com esse primeiro estado da humanidade, são resultados da abstracção.

Vendo que certos phenomenos correspondem a certas e determinadas causas, mas não conhecendo ainda as leis que os regem, a necessidade de uma nova systematisação levou os homens a fazerem abstracção das propriedades dos corpos, a consideral-os inertes, verdadeiros automatos, e a attribuirem os phenomenos observados a causas estranhas : d'onde o polytheismo.

Todos os phenomenos devidos á sensibilidade, intelligencia e actividade, que na infancia a Humanidade tinha-se visto obrigada a emprestar aos corpos organicos e inorganicos, foram retidos e personificados. O rio não corre mais porque quer, e sim em virtude de uma divindade que o força a lançar-se no mar. O sol e a lua, causas unicas até então do dia e da noute, do calor e do frio, são substituidos por divindades presidindo alternativamente ao dia e á noute. Foi assim que aos feitiços succederam os deuses.

N'esse estado, a divisão da sociedade em classes é facto consummado : os pastores, os agricultores, os negociantes, emfim os que se dedicam á vida contemplativa, são corporações distinctas. A mais importante de todas é a classe contemplativa, que por sua superioridade mental tende a submetter todas as outras.

Estes homens, que abrangiam todos os conhecimentos de então, sciencias e artes, torna-

ram-se superiores aos outros e formaram uma classe á parte, a dos sacerdotes, destinada a dirigir a sociedade.

Como era natural, elles, bem como as outras classes, transmittiram a seus descendentes os conhecimentos adquiridos: d'ahi a origem das castas; d'ahi a theocracia, cujo caracter distinctivo é a hereditariedade das profissões, e a submissão de todas as castas á casta sacerdotal.

A causa primordial da divisão da sociedade em classes foi sem duvida alguma a educação domestica, unica então possivel.

Em verdade, é natural que os filhos sejam os continuadores de seus paes, mesmo nas profissões d'estes, em que foram iniciados desde a infancia.

Uma vez estabelecida tal divisão, toda a alteração torna-se difficilima e deve produzir abalos enormes. A conservação da ordem obrigava pois a classe contemplativa a sanccionar esse estado de cousas, dando-lhe um caracter divino; o que, longe de ser um embuste, era a fiel expressão do que sentiam.

Em verdade, quem n'esse tempo, pensando seriamente ácerca de uma tal divisão do trabalho, que tinha-se como que por si e lentamente formado, e cuja suppressão acarretaria a perturbação, senão a dissolução da sociedade, deixaria de consideral-a natural e mesmo divina?

A opinião de que a theocracia nasceu da ambição dos sacerdotes, que, avidos de governar, estabeleceram as castas, com o fim de explorar o povo, é infundada; não obstante ser uma verdade incontestavel que a reunião do poder temporal e espiritual leva o homem a abusar muito facilmente da posição que occupa. E' facto que os sacerdotes abusaram, mas seria illogico o con-

cluir-se d'ahi que a instituição foi filha do abuso. Essa centralisação absoluta, a maior que se póde conceber (a reunião do conselho e da acção, da pratica e da theoria, da sciencia e da arte, da politica e da moral), foi por certo a causa primordial, senão a unica, do estado latente de civilisação, da quasi paralysação, em uma palavra, do atrazo em que ficaram os povos que primeiro chegaram á theocracia.

Si a reunião de todas as sciencias, até então conhecidas, nas mãos dos sacerdotes, tornava-os capazes de formar uma synthese, necessaria para a direcção da sociedade, reunião inevitavel e mesmo necessaria n'essa época; si o complexo dos conhecimentos humanos os elevava até a sublimidade da religião propriamente dita; ella tinha comtudo a desvantagem de oppôr-se ao rapido progresso das sciencias e das artes.

FIM

NOTAS

Nota A, pag. 102.—«Póde-se hoje dizer que essa região (Africa Austral) nunca teve outras armas nem outros instrumentos que não fossem de madeira ou ferro.

«Em quasi todas as aldêas, encontra-se um pequeno edificio de dous metros de altura e outro tanto de diametro e que se assemelha a um forno. Essa construcção de argilla é destinada á fundição do ferro.

«Ao passarmos pelas habitações, os homens deixam os seus trabalhos e vem offerecer-nos machados, lanças, serras e outros objectos de ferro fabricados por elles. Não padece duvida que se está ahi na edade do ferro. Segundo os indigenas, é muito mais difficil tratar-se do malachito, d'onde extrahem o cobre, que dos mineraes de ferro. Estamos convencidos que n'esse

paiz nunca o estanho ou o zinco foi ligado ao cobre; d'onde se segue que, si a edade do bronze deve ahi apparecer, ella terá logar em ordem inversa do que se passou nos outros continentes.» (Levingstone—*Explorações na Africa Austral.)*

Nota B, pag. 146.—Em um paiz novo como o Brasil, onde o grande problema social consiste em proval-o, dando o maior desenvolvimento possivel á agricultura, não ha motivo para preoccupar-se com as consequencias imaginarias de um exagerado augmento de população.

Como, porém, temos em vista a Humanidade, e não tratamos aqui de patriotismo, devemos encarar a questão debaixo de um ponto de vista mais geral.

Nas melhores condições, sabemos que a producção do genero humano é muito inferior á dos cereaes: o augmento do genero humano por anno, abstracção feita das causas de destruição, não póde exceder na média de 2 por 1, isto é, um casal não produz annualmente mais de um filho; ora, o milho, o arroz, o feijão, o trigo, dão 1 por 60, 1 por 70, 1 por 100, e mesmo mais.

Assim é falso, em these, que a população augmente segundo uma progressão geometrica, e os alimentos segundo uma progressão arithmetica. As perturbações que tem apparecido são consequencias da anarchia em que se acham as nações européas que actualmente dirigem a actividade industrial. A miseria da India é resultado das especulações mercantis da Inglaterra, que

obriga os naturaes d'aquelle paiz a plantarem opio para vender aos chins, e algodão aos *baronets* inglezes ; e a dos irlandezes provém de que a terra onde moram não lhes pertence.

A má direcção dada aos capitaes pelos capitalistas, resultado do egoismo que os domina, é a causa primordial d'essas perturbações sociaes, as quaes só desapparecerão quando uma nova synthese mais altruista que a existente fôr definitivamente adoptada.

Demais, o nosso planeta não está ainda tão habitado que a questão de população possa ser trazida á ordem do dia.

Entretanto, considerando a grandeza limitada da terra e o augmento indifinido do genero humano, deve-se recear que tempo virá em que não haja logar para todos ?

Pensamos que não. Não sabemos até onde poderá ir o augmento de producção dos generos alimenticios com o desenvolvimento da industria agricola ; e a reproducção, sendo convertida em questão moral (como estamos convencidos que acontecerá), evidentemente ganhará com um novo estado social mais perfeito que o que ora existe.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - U S P
BIBLIOTECA PAULO BOURROUL